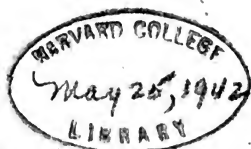
o

THEATRO

DE

José Freire de Serpa Pimentel.

COIMBRA:
Na Imprensa da Universidade.

1838.

Cui dabit partis scelus expiandi
Jupiter? tandem venias, precamur,
Nube candentis, humeros amictus,
Augur Apollo:

HORATIO. — Lib. I. Od. II.

ARrôjo temerario, e vaidoso de mancebo chamaráõ por certo alguns a esta minha resolução de me entranhar pelas tão difficeis, e escabrosas verédas da Poesia Dramatica, em tal verdor de annos, mingua de estudos necessarios, e assombramento de abalisados engenhos: — quanto mais que o seculo inconstante, tumultuoso, e agitado, que por nós vai correndo, traz os animos, e os corações por tal modo avesados a divergencias de opiniões, e sentimentos, que muito bem fadada se deve de julgar aquella obra, que saír a contento de todos. Tão raro predicado muito mais custoso é de encontrar em um Drama; — onde cada homem quer ver o ridiculo dos outros, e o encomio de si; — onde cada partido deseja achar defendidas as suas opiniões, e attacadas as alheias; — onde cada povo vai procurar o retracto favorecido do seu caracter, das suas inclinações, das suas virtudes, e do seu enthusiasmo, a par da imagem denegrida, e torpe dos vicios, e

costumes estrangeiros; — e onde, finalmente, querem uns ver o theatro regado com lagrimas de piedade, e de ternura, em quanto outros o desejão inundado de sangue, coberto de cadaveres, e manchado com parricidios, adulterios, e venenos.

A nimia mocidade não é para mim uma razão de entibiar neste empenho uma vez encetado de me envolver na lide dramatica; porque ahi mesmo n'esse verdor de annos tenho eu uma salvaguarda, e uma desculpa, de que carecêra em idade mais adulta. — Nem me acobardão as inconstancias, e dissenções dos homens de hoje; porque escrevo para poucos, como Poeta de minguada nota, e diminuto saber, que não posso ainda aspirar a reger sentimentos, nem a avassalar opiniões. Tampouco receio o furor dos bandos; porque não estou alistado nos estandartes ligeiros, e sanguinolentos dos romanticos, nem nas bandeiras graves, e magestosas dos classicos. Julgo dignas de alto louvor, e apreço as tragedias antigas dos dous competidores Gregos, Sophocles, e Euripides, e as novas dos seus imitadores, Cor-

neille, e Racine; leio com verdadeiro enthusiasmo os formosos rasgos de imaginação, de sentimento, e de energia, que caracterisão os Poetas Dramaticos da eschola novissima; — e tenho para mim que a nimia subjeição de uns ao jugo austero, e escrupuloso dos preceitos, e regras não releva aos outros o enormissimo peccado de cortar a torto, e a direito pelas leis das bem entendidas unidades dramaticas, e mais que tudo pelas regras da justa decencia, e boa morigeração; — assim como entendo que os atavios, e bellezas destes não obscurecem nem affeião as galas, e sublimidades daquelles.

O Poeta que verseja ligado strictamente a um systema, é como um obreiro, que trabalhasse com os braços algemados, e com um jugo de ferro sobre o pescoço. O que se desprende de toda a norma, e freio é como o que corresse de olhos vendados sobre terreno cortado de alagôas, e precipicios. — Tocar o coração do homem para o avesar ás sensações fortes, e dolorosas, que pelo andar da vida se devem de experimentar; recrear-lhe, e instruir-lhe o espirito, para lhe

amenisar as cruezas, e fadigas deste mundo; encaminhar-lhe a alma ao amor da virtude, para o destraír do falso esplendor, com que o vicio costuma aderecar-se no meio da sociedade: eis o intuito justo, e verdadeiro do Poeta dramatico. — O conhecimento profundo do coração humano; o estudo dos bons modélos antigos, novos, e novissimos; a pureza de linguage; a nobreza de sentimentos; e a rectidão de julgar: eis ao meu ver os verdadeiros, e justos preceitos da arte. — Quem se ligar a elles deve de ser bom classico, e optimo romantico.

Entre esse montão de leis, que se nos appresentão como regras invariaveis de perfeição, e que se perdem pela maior parte no pelago das duvidas, e das incertezas humanas, uma avulta sempre como objecto de questão em todas as épochas, e como linha divisoria entre os dous systemas actuaes. — É a lei das unidades dramaticas.

A unidade de acção é ao meu ver d'entre todas as regras de construcção dramatica a mais justa, e regular. Muitos são os Dramas

antigos, e modernos, que peccão contra ella; e nenhuma imperfeição vi eu ainda, que tanto como esta me descontentasse o espirito desejoso de proseguir em cada Peça uma idéa, e um objecto unico, destincto, e invariavel. Dramas ha ahi, que ataviados de enredos delicadissimos, caracteres extraordinarios, e energicas peripécias, são todavia tão desagradaveis, que lidos uma vez deixão o espirito, e o coração por tal modo frios, e descorçoados, que ninguem, que os leu, volve por gosto á procural-os, — mas que desfiados, e decompostos darião materia simples, homogenea, e elegante para formar tres Dramas destinctos, e formosissimos. — Zeloso respeitador sou eu d'esta para mim unica, e rigorosa unidade, — mas não escrupuloso observador das outras duas, que ás vezes tanto acanhão, e vicião os Dramas, prendendo a imaginação dentro das methas restrictas de uma épocha, ou d'um local nimiamente limitado.

Aquella unidade poderá chamar-se, na frasiologia das escholas, *unidade absoluta;* porque nenhuma relação a póde ampliar,

ou modificar; e antes é ella a alma, — ou o esqueleto do Drama, em torno do qual se coordenão, e arranjão os atavios, e galas poeticas, como se estende o colorido elegante, e variado de uma paisagem sobre os traços d'um desenho.

As outras duas, com razão as poderamos chamar *unidades relativas;* porque não são ellas a norma, e a medida do Drama; nem se lhes póde assignalar um ponto fixo, d'onde parta a sua regularidade, e perfeição; antes varião ambas segundo as circumstancias do objecto. A razão das *unidades relativas* é a verosimilhança; — e mais inverosimil julgo eu ás vezes accommodar em uma sala acontecimentos, e pessoas, que mal caberião em uma cidade, ou manejar em uma hora intrigas, para que não bastarião annos, do que julgo difficil de imaginar a passage repentina de um para outro paiz, de uma para outra épocha a quem já imaginou, apenas se ergueo o panno, a transição da épocha actual para outra mais remota, e a transformação de um recinto de pannos pintados em um portico do Capitolio, uma sala do Louvre, ou uma floresta da Alemanha.

Todavia não sou eu do numero d'aquelles, que calcão aos pés estas unidades sómente porque os classicos as reverenciárão; — e tanto as reverenceio eu tambem que em todas as minhas composições farei o que em mim couber por me cingir a ellas, comtanto que d'ahi me não venha acanho, ou deformidade: — e nem ainda me foi preciso, até hoje, menosprezal-as inteiramente senão em um unico Drama, — já concluido, mas não meditado ainda, nem correcto.

Outra lei, que avulta pouco aos olhos do vulgo, e muito aos olhos do sabio, é a *boa moral*, que pelo Drama deve de estar derramada, resplandecendo, como gala formosissima, e lustrosa, de cada dialogo, e de cada lance, — e muito visivelmente colhida do desenlace, ou catastrofe. — Pezar grande é o meu, por não poder appresentar á frente dos meus trabalhos dramaticos uma composição a meu cabal contento n'este particular; e quanto mais, que tenho uma já concluida, que muito me satisfaz. — Está porém escripta em prosa: e eu quizera começar por um Drama em verso.

Outra veréda tortuosa, e escura, por onde todos tem caminhado ás apalpadelas, é a *Poesia*: — mórmente em Portugal, que tão pobre tem sido de Autores dramaticos, como rico de bons Poétas em outros generos.

Não deixará de haver alguem, que muito critique a dos meus Dramas, — notando de prosaicos alguns versos, — queixando-se da aspereza de outros; — e escandalisando-se da falta de transposição na maior parte. Muito devoto fui eu já, na minha mais tenra juventude, d'essa Poesia de sons, tão rica de frases melodiosas, fluidas, e cadentes; mas tão pobre de filosofia, de grandeza, e de força varonil; tão fraca interprete dos sentimentos doces do coração; e tão pouco conhecedora das sublimidades profundas, e energicas do espirito; — antes gala superficial de ouvidos que enlevo delicado d'almas, e seios; — antes paizagem de flores, e de arbustos verdejantes de Primavera que magestoso quadro das saudades apraziveis, e melancolicas do outono.

Hoje, que já não é de uso ír disputar os

louros do Parnaso em arêna de Outeiros, ou Abbadeçados, — supprindo com a melodia das palavras, e dos consoantes a mingua de idéas, e sentimentos (que mal pódião elles avultar em objectos de tal frieza, e esterilidade, e a homens que assim poetisavão sem coração para colher os encomios, e os applausos d'outros homens tambem sem coração): — hoje, que o Poeta deixa o ambito frio, e acanhado do seu gabinete para ír lêr o livro da natureza sentado á margem de um rio, ou encostado a um tronco despido, e sêcco, sobre a cumiada erguida da montanha, ao pôr do sol, em tarde de Outono: — hoje que as Odes, e Poemas aduladores de cortezãos, e tyrannos se volverão em hymnos de amor, e canticos de piedade: — hoje morreo essa Poesia (mal appellidada assim), para nascer outra, toda sentimento, toda filosofia, toda sublimidade; antes vôo erguido d'Aguia pelas estancias do fulgor sempiterno, que fraco adejo de Maripousa sobre vergel de flores.

Mas esse vôo d'Aguia córta largo pelas regiões do universo; — atravessa os valles, e

as serranías do continente, os prainos immensos do Oceano, as tostadas arêas do deserto, e os gêlos eternos do Pólo; — alteia-se acima das nuvens, e das tempestades; — e vai perder-se na região sublime dos Astros. — Cortado, e quasi perdido irá elle, quando o encontrar a nuvem da procella, e lhe fusilarem á direita, e á esquerda relampagos, e raios; muito manso correrá, e muito descuidado sobre varzea de amenos verdores; e muito soberbo, quando lhe ficarem por debaixo as ondas do Oceano, e os relampagos da borrasca. — Assim corre o metro já melodioso, já aspero, já descuidado, confórme o demanda o objecto. É um Drama, onde os olhos estão muito fixos a ver, e os ouvidos muito attentos a escutar; e de olhos, e de ouvidos vai direita ao coração uma torrente de sensações successivas, e variadas; um Drama deve de ser profusamente abundante d'esta variedade de Poesia — áspera, e rude ás vezes, — muitas descuidada, — e nem sempre fluida, e melodiosa.

Porém demasiado me ía estendendo em reflexões, e preceitos: e por pouco que me

descuidasse, não deixaria de me escapar alguma palavra, por onde alguem me supozesse mais inclinado a uma que a outra eschola. — Justo é cortar por mais practicas em similhante assumpto; e tempo vem de dizer de D. Sisnando alguma cousa.

Foi esta a minha terceira composição dramatica, filha de oito dias de solidão, e retiro nas florestas de Santa Cruz do Buçaco, em Agosto do anno preterito. O feito capital, que constitue a Acção do Drama, é puramente extra-historico. — Não succede todavia o mesmo com os diversos acontecimentos politicos, que ahi se narrão, — com os differentes nomes de localidades, que se sitão, — com muitas das personagens, que figurão na Scena, — e com seus nomes, usos, e caracteres; pois tudo escrupulosamente colhi das Chronicas Nacionaes, e Castelhanas, que se referem áquella épocha; — postoque muito discordes entre si, — e quasi contradictorias na exposição dos feitos, e das datas com os escriptores Arabes d'aquelles tempos,

Muito de proposito roubei alguns annos á vida do Conde D. Sisnando, por me parecerem improprias de uma idade avançada as paixões energicas, e violentas, que no meu Drama queria descrever. — A épocha verdadeira da sua morte devêra de ser pelos annos de 1091 para 1092, no reinado de Afonso VI. de Castella; porque o ultimo documento, em que se faz menção do nome do Conde, é datado de 1091; (*) e logo no seguinte anno apparece nomeado em alguns documentos o Alvacir, que as Chronicas affirmão lhe succedêra no Governo de Coimbra (**). Neste tempo devêra D. Sisnando estar já mui adiantado em annos, visto o grande espaço que tinha decorrido depois da conquista

(*) Este documento é uma escriptura original do Mosteiro de Arouca, datada de 4 de Janeiro de 1091, em que se lêem estas palavras: *In temporibus Adfonsus Rex, et in presentia Sisnandus Alvazir, et Vigarii sui Fredaris.* E logo adiante: *Alvazir Domno Sisnando, qui Dominus erat de ipsa terra.*

(**) Como entre outros uma doação de Gundiario, e sua mulher Segunda ao Mosteiro de Arouca, datada de 24 de Fevereiro de 1092, que diz: *Regnante in Toleto, et in omni Gallicia, et spania Adefonsus filius Fredenandi Regis. In Colimbria Dux Martino Moniz*, etc.

de Coimbra, épocha, em que o Conde já não podia ser muito moço; pelos altos feitos, que ali commetteo; e as grandes façanhas, que anteriormente tinha obrado, ora servindo o Cide Aben-Habeth nas guerras civís, que originárão o exterminio dos Ommiadas, ora acompanhando D. Fernando Magno, Rei de Castella, e Leão nos assédios de Zamora, Viseu, e Lamego, e mais incursóes pelas terras dos Moiros. — Deste empenho não podia eu saír sem manifesto erro chronologico. Entre adiantar a época do seu nascimento, ou recuar a da sua morte escolhi o segundo meio, por não trazer comsigo a deslocação dos feitos mais memoraveis da sua vida.

Uma desgraçada intriga amorosa entre D. Sisnando, e a Virgem de Cordova constitue a acção do Drama. — Os amores do Conde com qualquer Musulmana, que não pertencesse a uma raça illustre, Real, e sagrada, não podião excitar tão violento despeito entre os Christãos, e tamanho alardo entre os Arabes. Foi por isso que escolhi para amante do Conde uma Agarena da progenie

dos Omeiades, ou Ommiadas, raça mais que muito acreditada nas tres partes do mundo então conhecido; — illustre pela excellencia de tão nobres varões, e afamados guerreiros, como, entre outros, *Omar*, *Valid*, e *Abderramon*, nomes bem conhecidos na Arabia, na Palestina, no Egypto, e nas Hespanhas; — Real, pelo reinado de mais de 100 annos no Califado de Damasco, e de tres seculos consecutivos no throno de Cordova; — sagrada por ter seu tronco, e origem na familia do Profecta.

Esta dynastia tão venerada dos Musulmanos, e tão temida dos Christãos tinha acabado no infeliz Hixem, e com ella o Califado do Occidente, o explendor de Cordova, e a gloria triunfal dos Arabes na peninsula. A Hespanha Musulmana estava dividida em pequenos Estados rivaes, e inimigos uns dos outros, que se tinhão desmembrado do grande reino de Cordova. — Saragoça, Sevilha, Lisboa, Badajoz, Valença, Huesca, e muitas outras Cidades, e castellos formavão outros tantos Estados. — Um descendente dos Ommiadas, que apparecesse de repente no meio

d'este cáhos de divisões, e anarchias, recordando os tempos do passado explendor, e chamando a um centro commum os desvairados Musulmanos, devêra de formar uma nova épocha de esperança para os Moiros, e de terror para os Christãos. E se esse descendente fosse uma Princeza, não faltarião cabeças coroadas, que aspirassem á sua mão, embora a vissem desthronada, e proscripta. — Tal figurei eu a Virgem de Cordova, a quem dei este epitheto, desusado nos nossos dias, mas authenticado por alguns dos Chronicões d'aquellas eras; — não querendo collocar um nome proprio de Arabe, forçosamente falso, e extra-historico a par de tantos nomes historicos, e verdadeiros, de que o Drama vai cheio.

A posição, e circunstancias difficieis da Princeza Ommiada fazem sobresaír muitos lances, aliás de pouca monta. Em épocha de tão acerbas, e sanguinarias luctas entre duas crenças rivaes, e poderosas, e entre dous povos tão differentes em origem, usos, e opiniões, que assim disputavão um ao outro, palmo a palmo, com a espada, e o alfange na mão, uma patria, uma herança, e uma

soberanía; — em tal épocha deverão de ser mui exaltadas, e fortes as paixões, que tivessem immediata relação com algum destes objectos de divergencia. — É por isso tambem que vão adereçadas algumas das peripecias com luxo de frazes, e expressões nimiamente energicas, e alevantadas para outros tempos, que não fossem aquelles.

Tambem alguem dirá que os ademans, e galanteios de D. Sisnando para com a Virgem de Cordova são sobre maneira requebrados, e pouco proprios de tão alto, e orgulhoso Cavalleiro, — e que mal se podem acoitar em seio coberto de malha, e coiraça de ferro tanta doçura, e languidez de amores, como os que ahi no Drama vão descriptos. — Appello porém para as Chronicas, e Romances daquellas eras; e veja-se ahi por quem os bravos Paladins rompião lanças em torneios, e duellos. Appello para os voluptuosos salões, e camaras dos torreados Palacios feudaes, onde dos labios de formosissimas Castellans recebião os Pagens, e Donzeis mui delicada lição de amores, e requebros, antes que apprendessem a manejar uma espada, ou a enristar uma lança.

Nem se me diga tambem que é excessivamente pesado o 3.° Acto, e que ninguem sofrerá tamanha série de Scenas cruentas, melancolicas, e terriveis. — Appello para o caracter do heróe; e diga-me quem bem o examinar no 1.° e 2.° Acto se pecca por excessivo no 3.°

Muitas considerações me correrião agora da idéa, se eu lhe désse largas: mas tempo é de terminar um Prefacio, que poucos leráõ, e a alguns por longo enfastiará.

Temeridade grande, torno a repetil-o, é por certo a minha, em arrojar assim um Drama ao mundo das letras, desvalido, como vai, — sem um nome de Poeta, que o acredite, — sem uma penna de Auctor, que o defenda, — não recitado ainda em Theatro algum, — nem profundamente meditado; como o devem de ser todas as obras n'um seculo, em que o derramamento das luzes tem multiplicado as criticas, e apurado os engenhos: mas para tudo foi mingoado o tempo, inda que sobeja a vontade, em anno tão cortado de estudos, e diversões. — Quando eu publicar

outro Drama, terei talvez mais tempo, luces, e assento para o corrigir. D. Sisnando, ahi o arremeço ao pelago das criticas, pobre d'essas tres cousas; — e muito desejarei que com a leitura do segundo se me relevem as imperfeições do primeiro.

Coimbra, 12 *de Novembro de* 1838.

THEATRO

DE

José Freire de Serpa Pimentel,

Estudante do Quinto Anno Juridico.

1.º

D. Sisnando,

CONDE DE COIMBRA.

DRAMA,

EM TRES ACTOS, E EM VERSO.

he is one
Who would become a throne, or overthrow one —
. . . .
Yet, for all this, so full of certain passions,
That if once stirr'd and baffled, as he has been
Upon the tenderest points, there is no Fury
In Grecian story, like to that which wrings
His vitals with her burning hands, till he
Grows capable of all things for revenge;

LORD BYRON. *Marino Faliéro.* Act. II. Sc. II.

A

SUA MAGESTADE,

ELREI

D. FERNANDO II.

Penhor respeitoso do ardente desejo, que anima o Auctor, de que S. M., seguindo o exemplo de tantos esclarecidos Principes, e Senhores, se digne de estender a Sua Real Protecção sobre os Theatros, e mais estabelecimentos Dramaticos do Reino.

Offerece

José Freire de Serpa Pimentel.

D. SISNANDO,

Conde de Coimbra.

Assim como a bonina, que cortada
Antes de tempo foi candida, e bella.
CAMÕES *Lus.* C. III.

Ainsi tombe une fleur avant le temps fanée?
A. DE LAMARTINE Medit. 32.

DECLAMADORES.

DAMAS.

A VIRGEM DE CORDOVA, Princeza Musulmana, Neta dos Califas de Hespanha.

UMA SUA ESCRAVA PARTICULAR.

HOMENS.

D. SISNANDO, Conde de Coimbra.

D. RUY DIAS, Senhor de Bivára, *(vulgo)* o Cide.

D. EGAS, Alferes do Conde, e Cavalleiro.

D. NUNO DE LARA, e D. LOURENÇO VIEGAS. } Velhos Ricos-homens.

D. PATERNO, Bispo de Coimbra.

D. ALVARO MEM, Trifado.

OSMAN, Moiro, prisioneiro do Conde.

ISMAR, Embaixador de elrei de Montemór.

O ABBADE DE LORVÃO.

O SACRISTÃO MÓR da Sée de Coimbra.

O CARRASCO.

O PORTEIRO DA CIDADE.

UM PAGEM DO CONDE.

COMPARSAS.

CAVALLEIROS.

VELHOS RICOS-HOMENS DE COIMBRA.

MONGES DE LORVÃO, residentes na Hermida de S. Pedro, em Coimbra.

SACRISTÃES DA SÉE.

PAGENS, E ESCUDEIROS DO CONDE.

SOLDADOS.

A Scena é em Coimbra.

A Era é pelo meiado do seculo XI. nos fins do reinado de Fernando Magno *de Castella.*

A acção dura o espaço de dous dias.

I.

Os Amores.

—— Minha mais que o Sol fermosa,
Mais alva, que alva Lua, e mais corada
Que as ardentes estrellas,
E luz de todas ellas.

FERREIRA. — Ecl. III.

DECLAMADORES.

O BISPO DE COIMBRA.

D. LOURENÇO VIEGAS.

D. EGAS.

D. NUNO DE LARA.

D. SISNANDO.

UM PAGEM.

A VIRGEM DE CORDOVA.

OSMAN.

ISMAR.

COMPARSAS.

O RICO-HOMEM VOIMARANO.

O CAVALLEIRO, D. RUI DIAS.

RICOS-HOMENS DE COIMBRA.

CAVALLEIROS.

ESCUDEIROS.

PAGENS.

A Scena é nos Paços do Conde D. Sisnando.

É de manhãa.

D. SISNANDO,

CONDE DE COIMBRA.

ACTO PRIMEIRO.

(Um salão de architectura gothica nos Paços do Conde D. Sisnando. Portico no fundo. — Mesa coberta até o chão de riquissimo panno escarlate com franja d'oiro. Cadeira de braços sobre um estrado coberta da mesma sorte. Outras cadeiras com almofadas de estôfo escarlate.)

SCENA PRIMEIRA.

O BISPO DE COIMBRA, D. NUNO DE LARA, D. LOURENÇO VIEGAS, O RICO-HOMEM VOIMARANO, RICOS-HOMENS, DOUS PAGENS, *ao Portico,* D. EGAS, OSMAN.

(*D. Egas apparece no Portico, seguido de Osman. Os Ricos-homens vão-lhe todos ao encontro, e cortejão-o. O Cavalleiro levanta a viseira, inclina-se levemente, atravessa por entre elles, e vem sentar-se á bocca do Theatro, em modo de quem está cançado. Os Ricos-homens apinhão-se em roda delle para o escutar.*)

O BISPO.

QUe novas nos trazeis, senhor Dom Egas?
Os altos muros da formosa Coimbra
Já não tremem do alfange Mauritano?
Pela assomada dos fronteiros montes
Bandeiras do infiel já não tremulão?
Dom Sisnando venceo?

D. Egas.

Tamanhas palmas

Como se hoje colhèrão pelos campos
Do placido mondego, e pelos valles
De Voimarães saudosos, nunca o homem
As vio colher em terras de gigantes,
E castellos de bronze. *(Ergue-se)*

— É Dom Sisnando

Açoite de infieis; — cada seu golpe
Çegava mais cabeças Mauritanas
Que foice espigas em manhãa de Julho.
O Rei de Montemór tão açodado,
E tão corrido vai, que jurar posso
Por São Thiago, que aos reais do Godo
Não torna elle azinha.

Osman.

Juras falso,

Senhor Dom Egas, como é falso o santo,
Por quem juraste. O Moiro não se acanha
Com brios de christãos em dia aziago
A's armas do Profeta. O Deos, que pune,
Sóe tambem perdoar. Antes de tempo
Não vos vanglorieis. Hoje ganhasteis;
Perdereis ámanhãa.

D. Nuno.

Senhor Dom Egas,

Este Moiro quem é?

D. Egas.

Um prisioneiro.

D. Nuno.

E ousa d'est'arte um Mauritano escravo
Alto bradar em Paços de Sisnando,
Sem que a espada gentil do cavalleiro,

Alferes seu, injurias vingue do Amo?
— A ferrugenta lamina do velho,
Mais timbrenta que o aço do mancebo,
Motejos taes não sofre, nem perdôa.

(*Vai a desembainhar.*)

D. Egas.

Senhor Dom Nuno, guarda na bainha
A tua adaga, que Sisnando o ordena.
Estas algemas são de prisioneiro;
E este cunho, que tem, dá jus ao Conde
Para unico dispôr de vida ou morte.
Respeitai-o, e calai-vos, Ricos-homens.

D. Nuno.

Se quer de Coimbra o Consul que o respeitem,
Náo mande um filho immundo de Mafoma
Os gothicos salões pisar, que é dado
Sómente a nós, os Ricos-homens Godos
Da formosa Rainha do Mondego.

Osman.

Senhor Alferes, dai licença ao velho
Para enterrar no coração do escravo
A espada, que tem çuja na bainha
De ferruge anciãa, que não de sangue.
Sempre fosteis, senhores, mui valentes
Na presença d'um Moiro desarmado.
Para feitos de vil me guarda o Conde;
Poupai-mos; nem temais se encolha o peito,
Quando a espada se erguer.

D. Lourenço.

Audacia tanta....

D. Egas.

Ricos-homens, calai. — Osman, silencio!
— Mandou-me o Consul escoltar o Moiro

Ao salão do Palacio, e defendel-o;
Qual prenda de rarissima valia.
O para que, — Sisnando lá o sabe,
E não o diz: — nem mais em tal fallemos.

D. LOURENÇO.

Bem que me custe, calarei. — Da guerra
Perguntaremos só. Pais todos somos:
E corações de Pai apoz a lide
Desacordados perguntar nem ousão.
Alferes, diz sincero, os Cavalleiros,
Que do castello d'Hercules saírão
A vêr-se em campo aberto c'os do Moiro,
Grãa perda exprimentárão?

D. EGAS.

Tanta sanha
Como nos corações, e ferros tinhão
Bem cara lhes custou . . . .

D. LOURENÇO.

E Dom Fernando,
Meu filho d'alma por ventura morto? . . .

D. NUNO.

E Dom Fuas, meu filho . . .?

D. EGAS.

Ricos-homens,
Cavalleiros d'outr'ora, hoje o triunfo
Não quer chôro, quer festas. — Quem nas álas
Pelo Christo morreo, e pela patria,
Rogue por elle o Bispo em suas preces,
Salve-o Deos lá no céo; — e nós na terra
Imitêmol-o em vez de pranteal-o.

D. LOURENÇO.

Dom Egas fallas mal: — quem deshumano
Lagrimas paternaes recua d'olhos
Não é christão, é moiro.

D. Egas.

E quem cobarde
Victorias, e triunfos enxovalha
Com prantos feminís, — vergonha de homens, —
Nem é christão, nem Godo, nem merece
A nobre protecção do invicto Conde,
Alvasir Dom Sisnando.

D. Nuno.

Pois Dom Egas,
Juro por São Thiago que este sangue
É mais Godo que o sangue de Sisnando.
O Conde triunfou com nossos filhos,
Muros, armas, e haveres; — e em vez d'elle
Se Conde algum de nós houvéra sido
Posto aqui por elRei, tambem vencêra.

D. Egas.

Sou seu Alferes; — e o insulto minimo,
Que se lhe faça, cumpre-me vingal-o.
— Vós outros, que gemieis esmagados
Sob o alfange Africano, — e a liberdade
D'elRei, e de Sisnando recebesteis,
Deverieis fallar mais cortezmente
Do raio de Infieis. — É Dom Sisnando
Conde e Governador.

D. Nuno de Lara.

Mas não tyranno;
— E se o for, somos Godos. (*Bate com a mão nos copos da espada.*)

D. Egas.

Rico-homem,
Se as cans te não valessem, co'esta espada....

D. Nuno de Lara.

A minha não as tem. (*Desembainha a espada.*)

...

O Bispo. (*Mettendo-se de per meio.*)
Não mais, senhores;
— Entre Christãos, e amigos não ha sanhas,
Nem iras más: — o Deos tres vezes santo
Tanto pune o Infiel como o Catholico,
Que no seio da paz arma pendencias.
Cavalleiro (*a D. Nuno*), essa espada é para moiros,
Núa aqui fica mal. (*D. Nuno embainha.*)
Senhor Dom Egas,
Iras desenfrear perante amigos
De christão nunca foi; — manda a Lei santa
Perdão, e não vingança. — Eia, um abraço,
E sêde cavalleiros. (*Abração-se.*)

D. Egas.

Falla o Nume
Do Bispo pela voz. — Nunca a minha alma
Desejou offender-vos: — tão famosos,
E nobres anciões, fazer-lhe injuria
É fazel-a a si proprio. — Paz, amigos. —
Cumpre-nos ora esp'rar a Dom Sisnando,
Coroal-o co'a palma da victoria,
Leval-o em procissão e agradecer-lhe
Por todas os christãos o alto triunfo,
Que do Moiro alcançou. — Em nome d'elle
Serviços e homenagens agradeço.
(*Ouve-se ao longe marcha triunfal.*)

O Bispo.

O Conde se encaminha a estes Paços;
Recebei-o c'o o riso sobre o labio;
— Depois o coração vos fica livre,
E podereis fazer tamanho pranto,
Que vos não caiba n'alma.

Um Pagem.

O Conde chega.

SCENA II.

Os DITOS, E D. SISNANDO, CAVALLEIROS, ESCUDEIROS, PAGENS.

(Ao som da marcha triunfal entra o Conde vestido d'armas, Elmo com corôa de louros, viseira levantada, manto escarlate. Atraz vem Cavalleiros, Escudeiros e Pagens, que ficão ao Portico. Os Ricos-homens descobrem-se, e fórmão uma ála.)

D. SISNANDO. *(Ao acompanhamento.)*
Ide gozar as galas da ventura
No regaço da paz: — trofeos, e pompas
Hoje se ergão tamanhas, que memoria
Não haja d'al em mundo de catholicos.
(Vão-se os do acompanhamento; e o Conde desce pela scena.)
Sêde ledos, senhores Ricos-homens. *(Inclinão-se todos.)*
Um presente vos trago, que é devido
A quem valor tamanho inda tem n'alma
Quanto outr'ora no braço. *(Desembainha e mostra a espada ensanguentada.)*
É este sangue.
— Olhai-o, Cavalleiros, é de Moiros.
E se prantos fizer de novo a Patria
Por lutos novos, vinde a Dom Sisnando,
Que razão vos dará. *(Vai sentar-se na cadeira de braços.)*

O BISPO.
Affans de gloria,
Que te couberão hoje, o céo t'os pague;
Pois na terra não temos al que um labio
Frouxo em agradecer, e um braço inutil
Para pagar teu mérito. — Por todos

Quantos ora aqui vês, e pela patria
Eu te saúdo, Conde Dom Sisnando,
Raio bravo de Moiros.

D. SISNANDO.

Ricos-homens,
Cobri vos. (*Cobrem-se*)
Deos não quer que ante um mancebo
De pouca barba barbas tão donosas,
E tão sagradas cans nuas se prostrem.
— Ouvi me, Ricos-homens: — os mancebos
Filhos vossos cansados de triunfos
Precisão d'um momento de socego
Para ir commetter mais feitos d'armas
Com esforço dobrado. Hoje a vós outros
A defensão confio da cidade,
Que de moços haveis tambem guardado,
Que inveja me fazeis. — Senhor Dom Nuno,
Entrego ao teu commando a Torre d'Hercules.
— Rico-homem Dom Lourenço, os prisioneiros
Te cumpre vigiar: — são moiros todos,
Tem a alma negra, e má; — porém são homens;
— A honra de cavalleiros, como somos,
Bom gasalhado, e trato bom lhes deve.
— Senhor Bispo de Coimbra, Dom Paterno,
O altar é para Deos, — e o bom ministro
Ora n'elle incessante; — faz tal festa,
E Acção de Graças, e *Te Deum*, e missa,
Que o fumo dos incensos por tres dias
Tolde as ameias Gothicas, e negras
Da Cathedral de Coimbra. — Pagem d'armas,
Dize a Dom Ruy que antes de meia hora
Me traga aqui a Moira prisioneira.
— Rico-homem Voimarano, pelas ruas,

E praças da cidade deita um bando,
Que apregôe o triunfo, — e mal do moiro.
— Paz a todos, senhores, retirai-vos.

(Vão-se, descobrindo-se, e fazendo reverencia. Os Pagens os seguem.)

Dom Egas, meu Alferes, só tu fica;
Tenho que te fallar.

(Desce do estrado.)

Escravo, espera.

(Em meia voz.)

Descobri-te o segredo de meu peito:
Guarda-o, se queres liberdade, e vida.
Ausenta-te; e silencio!

SCENA III.

D. SISNANDO, E D. EGAS.

D. SISNANDO.

Em paz agora
Quero comtigo só carpir meus males

(Olha para o ceo, deixa-se caír sobre uma cadeira, e exclama:)

Ai! de mim!... ai! de mim!...

D. EGAS.

Que é isto, Conde!
No dia da victoria os ais no labio,
E a palidez na face!!... Por ventura
Foi pequeno o triunfo, — as palmas poucas,
— Frouxos os vivas!?...

D. SISNANDO.

Vivas, palmas, glorias,
Triunfos, e laureis, tudo me pésa,

—Tudo no seio o coração me esmaga;
Opprime-me a cabeça este Elmo illustre.
(Tira o Elmo e põe-o sobre a mesa.)
Estou cançado d'armas, e de lutos,
Tenho sêde, Dom Egas.

D. Egas.

De mais sangue?

D. Sisnando.

Não, de mais sangue, não, — a minha sêde
(Ergue-se)
É de beijos, de abraços, de ternura,
De belleza, de amor.

D. Egas.

De amor!... tu zombas!

D. Sisnando.

E crês tu na tua alma, que não póde
Um Conde ter amor!? Sempre victorias!
Sempre ferros, e sangue, e moiros sempre!!...
Não hão de os braços meus cingir ao peito
Senão bronzeas coiraças!!... Ah! Dom Egas!
Conheces tu o fel da minha vida?
Sabes o que eu padeço?... Vir da guerra
De pó coberta a fronte, — e nos meus Paços
Entre pompas, e marmores, e joias
Não achar quem me alimpe o pó da fronte!...
Quem me enxugue este sangue, em que me banho!..
Quem me converta este sorriso amargo,
Sorriso vencedor, em riso brando
De caricia, de afago!!..—Tu não sabes
O que é chegar do meio das falanges
Cansado de tranzidos, e de fragoas,
E de ferro, e de sangue; — e achar em casa
Um anjo, uma mulher, que n'um momento

Troque as scenas de luto e de vingança
Em quadros meigos de ternura, e riso,
— Tirar de sobre o peito esta coiraça,
E em vez do aço fino unir a elle
Neve lisa d'um seio, — e co'estes labios
Inda rouxos palpar uns labios bellos,
— E as iras más vencer com cento, e cento
De caricias, de abraços, e de beijos...
Ah! Dom Egas! é isto o que me falta,
É de que tenho sêde.

D. Egas.

E por ventura
Não ha por essas margens do Mondego
Centenares de frescas, lindas jovens,
Que anelem á profia vir fartar-te
Essa sêde, que tens de moças bellas?
E se prenda maior tua alma exige
Não ha filhas de reis por esse mundo,

(D. Sisnando senta-se afflicto.)

Que desejem a mão de Dom Sisnando,
O maior Alvacir, e Cavalleiro,
Conde, e Governador, que ha tido a Hespanha,
A Europa, o mundo?... Porém tu desmaias?

D. Sisnando.

É peor o meu mal.

D. Egas.

Peor... Acaso
O orgulho temes tu d'esses soberbos
Ricos-homens d'outr'ora, que já velhos,
E cançados de vida inda pertendem
Dar leis em nossos muros, e que allegão
Ritos, e ceremonias, e costumes,
Que não conheces tu? Acaso temes

porfia

Novo attaque de moiros? Ou receas
De caír da privança do monarcha
De Castella, e Leão?!

D. Sisnando. *(Ergue-se.)*

Ah! meu Alferes!
Repara n'esta vista desvairada,
N'estes olhos, que fogo chamejando
Se encovão despeitosos pela fronte.
Crês tu que do monarcha de Castella
Algo receiem elles!? crês que o orgulho
Dos velhos ricos-homens da cidade
Me faça assim correr a baga a baga
O pranto pelas faces, — ou que a ira,
A ira do Infiel me enrugue a testa?!
Apalpa, amigo, apalpa este meu seio:
Não vês como affanoso aqui me pula
O ardente coração, — quasi mais forte,
Rijo maço, batendo o rijo bronze
Da coiraça guerreira?!... — Amigo, sabes,
Sabes de que palpita?

D. Egas.

Entendo, Conde,
De ternura, e de amor; porque disseste.

D. Sisnando.

Não te disse por quem; — quero dizer-t'o,
Quero desafogar a dôr tamanha,
Que tanto me dóe n'alma: — sim Dom Egas,
Sê meu Alferes d'armas, e de amores,
Sê o meu confidente. — Mas, amigo,
Diz-me primeiro, terás tu bondade,
E nobreza de affectos por teu amo
Tamanha, e tanta, que sua alma vendo
Çuja e manchada, queiras assim mesmo,

Se não servil-o mais, carpil-o ao menos,
Doer-te do seu mal, e confortal-o!?
Diz sincero, Dom Egas.

D. EGAS.

Da lei santa
Eu arrenegue, e case c'ũa Moira,
Se t'eu nunca deixar.

D. SISNANDO. *(Fóra de si.)*

Misero moço!
Tu não sabes a jura, que disseste;
Foi tua voz um raio, que tremendo
De meio a meio me partio a vida.
— Sabes quem eu adoro?!

D. EGAS.

O' céos!... acaba.

D. SISNANDO.

Sabes quem eu adoro!?.. o mais terrivel,
Mais Africano sangue, que nas veias
De moiro coração pulou té'góra,
Amo a filha do inferno, e de Mafoma,
A inimiga commum dos Lusitanos,
A neta dos Omeiades.

D. EGAS.

Piedade!...
Senhor Conde Sisnando, algum feitiço
Te deitárão por certo. Ah! que és anathema,
És réo, e réo de morte.

D. SISNANDO.

Cavalleiro,
Que prometteste tu?

D. EGAS.

Hei de cumpril-a
A promessa fatal, — hei de servir-te,

Trazer-te a Moira aqui, se m'o ordenares;
Porém por São Thiago juraria
Que estás, senhor, possesso.

D. SISNANDO.

Sim, Dom Egas,
Sou possesso de amor, que é mór feitiço
Que quantos fazer póde velha Bruxa
Em noute de luar, fallando baixo
C'o Principe das trevas; — sim, amigo,
Sou possesso de amor, e hei de esposal-a,
Essa Moira gentil, poder, que eu possa.

D. EGAS.

Esposal-a, senhor!!

D. SISNANDO.

Então que pasmas?!
Acaso a viste tu?.. — Ah! que se a viras
Envejáras o Conde. — Olha, Dom Egas,
Quando apoz cem victorias, triunfante,
De sangue, e pó coberto entrei os muros
De Cordova infeliz, — aos Regios Paços
Guiei o meu corcel: — a espada invicta
Lançou por terra os ultimos Ommeiades,
E abrio caminho sobre cem cadaveres
De filhos de Almançor. — Por élo extremo
Restava uma gentil, candida virgem,
Que prostrada nas áras de Mafoma
Pedia aos céos piedade. Meu Alferes,
Ai! se a visses assim como estes olhos
A virão n'esse instante de magía!!...
Um Anjo de belleza, e de candura,
Uma Pomba de amor, uma Deidade
Caída lá do Olympo sobre a terra
Não são, não são tão lindas... Olha, amigo,

Vêl-a, e morrer de amor, foi tudo o mesmo;
— E por mais gelo, que no seio entorne,
Mais quente o coração se abrasa em fogo.

D. Egas.

Mas não mais a encontraste...

D. Sisnando.

E por ventura
Vivêra se a não visse!?... — A virgem bella,
Sem pais, sem patria, abandonada, e triste
Veio asylar-se a uns Paços encantados
Junto de Montemór. De dó coberta,
Fazia alli taes prantos, que cortavão
De piedade, e de amor ao mesmo tempo
Almas, e seios. — Não te lembra, amigo,
Quando centos de vezes nas caçadas
Perdia o meu Falcão, e vos deixava
Tardes inteiras?

D. Egas.

« Annos » nós diziamos
De esp'rar cançados.

D. Sisnando.

Olha, Cavalleiro,
Esses annos instantes parecião
Ao Conde de Coimbra. — A Moira linda
O Pagem da Floresta me chamava;
E tão farto de amor ficou tal nome,
Que por elle trocára o de Sisnando,
Se m'o pedisse a Virgem. — Nunca, nunca
M'o pedio ella, — que ignorava titulos,
Motores d'odio, apenas suspeitados.
— O Pagem da Floresta eu fui té'gora.
Da Cordovesa aos olhos. — Prisioneira
M'a trazem logo aqui; — e o Pagem qu'rido

Ha de mudar-se em Conde, — e a Prisioneira
Ha de ficar Condeça. — Vês, Dom Egas,
Como sou ledo agora!.. — A imagem sua
Quando do coração me sobe aos olhos,
Sou outro, sou o anjo dos amores
Sentado no Paraiso; — e o Paraiso
É ella; — é ella só quem me acompanha
A' batalha, ao passeio, á caça, ao Templo;
— Vivo por ella, — durmo nos seus braços
Entre sonhos de amor; — meu pensamento,
Minha vida, meu ser, minha alma, e tudo
É ella, e ella só.

D. Egas.

Os Ricos-homens
Julgando réo de morte a Dom Sisnando,
E o Bispo em Cathedral, de opa sagrada,
Excommungando o Conde de Coimbra,
E declarando-o anathema, e possesso,
Dirão se a tua vida, e a tua alma
É ella, e ella só.

D. Sisnando.

Pois Ricos-homens,
E Bispo, e Cidadãos d'esta cidade
Hão de vêl-a Condeça em breves horas,
E descobrir-se ante ella. — E um só que o negue,
Esta espada é de godo.

D. Egas.

Muitos azos
De consentir em tal não lhe hei eu visto,
Quando em prática livre antes de vires
Quasi em campo cerrado estive a ver-me
Co'a espada de Dom Nuno: — e dizem elles
Que tambem Godos são.

D. SISNANDO.

Por desfazer-me
De importunos, mandei-lhe que o serviço
Hoje fizessem. — Entretanto o Bispo
Aqui vir mandarei; — e ha de casar-me
Co'a Moira, ou hoje mesmo fica vaga
A Cathedral de Coimbra.

UM PAGEM. *(Do Portico.)*

Dom Ruy Dias,
E a Moira prisioneira.

D. SISNANDO.

Que entrem presto.

(Vai-se o Pagem.)

Não vês como risonho o meu semblante
O fagueiro prazer no labio ostenta!?
Dom Egas, é o meu sol, que se aproxima,
O meu Anjo, o meu Nume.

SCENA IV.

D. SISNANDO, D. EGAS, D. RUY DIAS, A VIRGEM DE CORDOVA, PAGENS D'ARMAS, SOLDADOS.

(A Virgem vem com grilhões nos pulsos entre os Soldados, e coberta com um rico véo branco; e prosta-se aos pés do Conde.)

A VIRGEM DE CORDOVA.

A's plantas tuas...

D. SISNANDO.

Ausenta-te, D. Egas. *(Vai-se D. Egas.)*

Dom Ruy Dias.
Dize ao Bispo que venha aqui fallar-me.

(Vai-se D. Ruy.)

Soldados, Pagens d'armas, retirai-vos.
(Vão-se todos.)

SCENA V.

D. SISNANDO, E A VIRGEM DE CORDOVA.

D. SISNANDO.

Levanta-te Senhora. *(Levanta-a.)*
Essas cadeias *(Tira-lhas.)*
A quem podéra agrilhoar o mundo
C'um volver d'olhos só bem não assentão:
(Vai buscar o Elmo; e a Virgem apenas solta levanta o véo.)
Este Elmo é o meu Elmo de triunfo,
Este louro é o meu louro de victoria. *(Despega o louro do Elmo, e desembainha a espada.)*
Esta espada é a espada de combate
De meus setenta Avós.
(Lança ao chão a espada, os louros, o elmo; e ajoelha.)
Espada, glorias,
Triunfos, e laureis, e Dom Sisnando,
Tudo tens a teus pés, mandas em tudo,
És senhora, és rainha de minha alma,
Tens em meu coração teu sólio erguido,
És meu Anjo, meu Sol.

A VIRGEM DE CORDOVA *repara muito n'elle.*

Senhor, levanta-te....
(Esconde a cara entre as mãos)
Ai! de mim! ai! de mim!

D. SISNANDO.

Virgem de Cordova,
Que estranho proceder! D'est'arte insultas
Amores, e homenagens de Sisnando,

Cavalleiro, Alvacir, Rico-homem, Consul,
E Conde de Coimbra.

A Virgem de Cordova.

Ah! esses titulos
Forção meu coração a aborrecer-te.
Ai! de mim! Oxalá nunca t'eu vira!
Oxalá teu corcel te não levára
A's escusas florestas do retiro,
Que busquei a meus prantos! — Cavalleiro,
Intercalou um pego de distancias
Entre nós ambos o teu nome excelso.
Té'qui éras o Pagem da Floresta,
E a filha dos Omeiades te amava;
— Hoje és Conde, és Senhor, és meu imigo,
A filha dos Omeiades valentes
Seu amor transmudou n'um odio eterno.
Não te afflijas, senhor. *(Vai buscar o elmo, a espada, e louros; e dá tudo ao Conde.*
Eis o teu Elmo;
A tua espada: — déste-ma tingida
No sangue de meus Pais; — quero que a banhes
Na porção derradeira, que inda resta.
Vem buscal-a ao meu peito. *(Ajoelha.)*
Eis-me prostrada.
— A raça, a que votaste um odio eterno,
Extingue-a, apaga-a em mim.

D. Sisnando. *(Carrancudo, espada erguida.)*

Essas palavras
Querem dizer vingança; — o sangue illustre,
Que dos teus derramei... sómente um sangue
Ha na terra, que o vingue: — é este seio
O cofre aonde existe. — A Deos, Senhora,
Vou cumprir tuas ordens. *(Partindo.)*

A Virgem de Cordova.

Cavalleiro,

Onde vás? Dom Sisnando! espera, espera!

D. Sisnando.

Crês tu que esse fatal, horrendo anathema,
Que da bôcca soltaste, aqui me deixe (*Mão no peito.*)
Uma sombra sequer de apego á vida?!
« A filha dos Omeiades valentes
« Seu amor transmudou n'um odio eterno »
Quem de ti isto ouvio póde no mundo
Para mais ter ouvidos?!

A Virgem de Cordova.

Cavalleiro,

Desculpa um coração desacordado.
Éras tu, éras tu quem mais amava
Por todo esse universo; era o teu nome
O que mais no universo aborrecia.
Era o meu céo o Pagem da Floresta,
O Conde Dom Sisnando o meu inferno.
Sube o teu nome; — e céo, e inferno juntos,
Unio-se no meu seio o amor ao ódio...

D. Sisnando.

Mas o ódio venceo...

A Virgem de Cordova.

Venceo no labio,

— Ficou meu coração supresso, e quêdo
N'este empenho fatal.

D. Sisnando.

E inda supresso

E quêdo o tens no seio?

A Virgem de Cordova.

Ah! Dom Sisnando!

Na lucta, que revolta os meus sentidos,

Não obrigues meus labios innocentes
A amaldiçoar o nome sacrosanto
De meus nobres avós. — Toda a minha alma,
Todo o meu coração traío vinganças;
O labio resta só. — Ah! cavalleiro!
Tu sabes se te amei, — sabes se Moira
Mais ardente paixão mostrou té'gora
Por um homem no mundo: Dom Sisnando,
Tu sabes se deixei os meus altares
Para adorar os teus.... ó ceos! que disse!
Não, não era o teu Deos, que eu adorava,
Eras tu, eras tu. — Sancto Baptismo
Devia unir minha alma á crença tua,
Meu coração ao teu: — pompas, grandezas,
Throno, religião, pureza, e patria,
Deixei tudo por ti: um pensamento
Um pensamento só guardava n'alma,
Que tambem era teu. — « Ambos unidos,
« Dizia eu, um dia o meu esposo
« Será o vingador de meus direitos;
« Seu braço forte á testa dos exercitos,
« Tropheus roubando ao Conde de Coimbra,
« No sólio Cordovez ha de ir sentar-me;
« E a minha c'rôa, hei-de-lha pôr na fronte;
« E será rei por mim. » — Baldada esp'rança!..
O nome de Sisnando acaba tudo;
Tu me roubaste o throno, que te dava;
E throno, esposo, amor é cinza, é nada.

D. Sisnando.

Moira! Moira sem dó, que me assassinas!
Que outro sólio maior do que a tua alma
Podéras dar-me tu!?.... Ingrata Virgem!
E eu não te dou tambem os meus triunfos,

Meu Condado, meus bens! ? Não sacrifico
Vinte Princezas, que por mim suspirão
Nos thronos das Hespanhas, e do mundo! ?
— Ah! se em campo cerrado Dom Sisnando
Da lide em premio appresentasse a dextra,
Não virião Rainhas disputal-a! ? . . . ;
— Quem lhe anteponho eu? Uma proscripta,
A filha d'um Monarcha desthronado,
Uma Virgem sem patria, uma inimiga
Do nome Lusitano, escrava, e Moira. . . *(Pausa.)*
— Que mais queres de mim? Um throno queres?
— Omeiade gentil, vê esta espada:
Dez cabeças de reis jazem por terra
Aos golpes finos seus; — e quem valente,
Sem conhecer a Virgem Cordovesa,
Dez cabeças de reis destronca ousado,
Com só te vêr destronca vinte Imperios,
E ergue um throno sobre elles.

A Virgem de Cordova.

Basta, basta,
Tu és o meu Senhor, és o meu Anjo,
Bate o meu coração por ti sómente,
És meu querido d'alma, e peito, e vida,
Tudo farei por ti, sê meu tyranno. . .
— Mas trazer-te por dóte o menoscabo
De Rainhas, e Principes, . . . ah! Conde,
Isso não, isso não. — Um de nós ambos
Ha de ser infeliz; meu sangue é crime
Na terra de teus Pais, teu sangue é reprobo
Na minha geração. Barreira eterna
Assim nos separou . . . A Deos, Sisnando,
Esquece-te da filha dos Omeiades,
Esquece-te da Moira, e sê ditoso. *(Vai a partir.)*

D. SISNANDO.

Espera . . . espera . . . — Queres que me esqueça?
Hei de cumprir-te a ordem: sabes onde,
Onde me esquecerei?

A VIRGEM DE CORDOVA.

Onde?

D. SISNANDO.

No tumulo.
A Deos. *(Desembainha, e vai a partir.)*

A VIRGEM DE CORDOVA.

Ah! triste! — Espera, Dom Sisnando
Essa espada é a espada de combate
Dos teus setenta avós: — queres manchal-a,
Cortando o ultimo élo de cadeia
Tão brilhante, e formosa!? — Olha que os manes
De teus setenta Avós lá do alto Empyreo
Te esconjurão de raiva. — Que!... Tu pasmas
De t'eu pedir por elles!! — Olha, Conde,
Por mim conheço eu já que nada fazes,
Que me queres deixar viuva, e virgem
Em terra de inimigos. — Dom Sisnando,
Peço por teus Avós.

D. SISNANDO.

Pedes que a espada
Não manche no meu seio? *(Arroja a espada ao chão.*
Eia, que a largo.
— Dizes que teus Avós vingar desejas;
A Neta desarmou a Dom Sisnando,
— Estão vingados.

A VIRGEM DE CORDOVA.

Torna sobre a face
Prasenteiro sorrir...

D. SISNANDO. *(Com voz terrivel.)*
Virgem de Cordova!
Burlou-se esse sorrir do meu cadaver.
A VIRGEM DE CORDOVA.
O teu cadaver!?
D. SISNANDO. *(Tira um punhal.)*
Sim: vês este ferro?
Não é de Cavalleiro, é de assassino;
A paz o usa, e poupa-se na guerra;
É arma de cobardes. — O meu braço
Será por ti cobarde. — Eil-o, senhora,
Se Omeiades poupou, mata Sisnandos.
(Punhal erguido.)
A VIRGEM DE CORDOVA. *(De joelhos.)*
Por piedade, meu Conde...
D. SISNANDO.
Em pé, senhora:
Que farás porque viva Dom Sisnando?
A VIRGEM DE CORDOVA.
Tudo, tudo farei...
D. SISNANDO.
De ti depende
A morte, ou vida d'elle. — Ouvi, Senhora:
Não sóe de Coimbra o Alvacir valente
Acurvar-se a um revez. — OU TUDO, OU NADA. —
É este o meu condão. — Eia, decide;
O leito de Hymeneu, ou o do sepulcro:
Um sorriso de amor, cáio em teus braços;
Uma unica repulsa, a vida é cinzas.
A VIRGEM. *(Vai abraçal-o muito risonha.)*
Dom Sisnando, meu bem, ah! nunca, nunca
Se diga que tão nobre cavalleiro
Por tão pouco morreo. — Olha, meu Conde,

Quizera ter mil patrias n'este instante,
Mil pais, mil solios; e deixal-os todos
Só para te seguir.

D. Sisnando.

Virgem formosa,
Tu me volveste á vida, que perdia.
— Da Mãi só recebi uma existencia;
De ti recebo duas. — Moira bella,
Aperta-me ao teu seio. — Neste abraço
Vai todo o coração de Dom Sisnando:
— Todo, por que não uso dar metades;
Quando cravo uma adaga, é'té aos copos;
Quando golpeio, o golpe abre um sepulcro;
E quando dou, dou tudo. — Eia, Condeça,
Aqui tens esta mão, este Palacio,
O mando de meus vinte Cavalleiros,
Meus Pagens, meu brasão, honras, e titulos.
Se quizeres um reino, irei ganhal-o;
Se quizeres imperios, sei vencel-os;
E se o mundo desejas co'este ferro
Já parto a conquistal-o, e dou-te o mundo.

SCENA VI.

OS MESMOS, E UM PAGEM.

O Pagem.

Senhor Conde Sisnando, Dom Paterno,
Que mandaste chamar, audiencia pede;
E o moiro, embaixador do rei visinho
Chegou ao mesmo tempo.

D. Sisnando.

Espere o Moiro,

O Pagem.

Mas o Bispo, Senhor?

D. Sisnando.

Vai conduzil-o.

O Pagem.

Sentado está nos Atrios do Palacio
Esperando por ti. É de uso antigo,
Como sabes, senhor, que desça o Conde
A acompanhal-o desde o réz do Portico
Até á salla nobre de audiencia.

D. Sisnando.

Sou um triunfador.

O Pagem.

Mas elle é o Bispo.

D. Sisnando.

Não mais. — Vês esta espada inda sanguenta,
Inda çuja de sangue mauritano?
Vai-lha mostrar. *(Dá-lhe a espada.)*

O Pagem.

E pedirei por ella...

D. Sisnando.

Não costuma pedir de Coimbra o consul,
Mandar costuma só. — Ou suba, ou morra.
Serei na gelosia do Palacio,
E espreitarei de lá. *(Vai-se o Pagem.)*
A Deos, Condeça.
Um instante ao orgulho, e n'outro instante
Em teus braços serei.

(Vai se.)

SCENA VII.

A VIRGEM DE CORDOVA. *(Só.)*

O' Deos piedoso,
Que me déste abrandar o mór soberbo
Das Hespanhas christãas! dá força ao peito,
E ao espirito luz, com que distinga
A verdade, e a razão na lucta acerba,
Que dos. quebrados animos me trava.
— Deixar a patria, ó ceos!... deixar o culto,
E a crença de meus Pais!... Mas prometti-o,
Jurei-o a Dom Sisnando; e o que se jura
A tão alto, e formoso Cavalleiro,
Como não o cumprir?!

SCENA VIII.

A VIRGEM DE CORDOVA, E OSMAN.

OSMAN. *(Cauteloso, do Portico.)*
Virgem de Cordova!...

A VIRGEM DE CORDOVA.
Que me queres? quem és?

OSMAN. *(Vem para ella.)*
Virgem de Cordova!
Reconheces-me?...

A VIRGEM DE CORDOVA.
Osman!...

OSMAN.
Cala esse nome;
E toma este punhal.

A VIRGEM DE CORDOVA.

Oh ceos! um ferro!..

E para que?

OSMAN.

Para vingar a Patria.

A VIRGEM DE CORDOVA.

Mas como?

OSMAN.

Qual Judith fez a Olofernes,
Do seio do infiel arranca a vida.
Só tu pódes chegar da Hespanha ao Tigre.
Sê a Virgem dilecta de Mafoma.
« POR OMEIADES CONTRA DOM SISNANDO: »
Diz Eis aqui o punhal. Toma-o, e crava-lho.

A VIRGEM DE CORDOVA.

Nunca, nunca o farei...

OSMAN.

O Conde chega.

Toma-o, Senhora, e vai cravar-lho.

A VIRGEM DE CORDOVA.

Nunca.

OSMAN. *(Atira-lho aos pés.)*

Ahi t'o deixo; — e veja-o Dom Sisnando,
Que certa tens a morte.

(Ergue uma ponta do panno escarlate, que cobre a mesa, e esconde-se.)

SCENA IX.

A VIRGEM, *e logo* D. SISNANDO.

A VIRGEM. *(Esconde o punhal no seio.)*

Oh Nume sancto!

Livra-me da borrasca tormentosa,

Que vejo erguer-se tumida, e cruenta
Sobre a minha cabeça.

D. Sisnando.

Virgem bella . . .
— Que rapida mudança em teu semblante!
Que te afflige, Senhora! ?

A Virgem de Cordova.

Senhor Conde,
Adorai-me como eu vos idolatro;
E não me interrogueis.

SCENA X.

os mesmos, o bispo, e um pagem, *que o introduz, e sáe.*

O Pagem.

O Senhor Bispo.

O Bispo.

Paz ao Conde Sisnando.

D. Sisnando.

Dom Paterno,
És muito descortez.

O Bispo.

Porque?

D. Sisnando.

O Conde,
Quando tem ao seu lado uma Condeça,
Quem o saudar deve acurvar-se a ella.

O Bispo.

Mas aonde a Condeça?

D. Sisnando. (*Pegando na mão á Virgem.*)

Eil-a.

. . .

O Bispo.

Ésta Moira!

D. Sisnando.

Para o não ser, baptiza-a.

O Bispo.

Mas....

D. Sisnando.

Paterno,
Baptiza-a, e desposa-me com ella.

O Bispo.

Senhor Conde Sisnando, os grãos Senhores
Costumão de chamar para os seus Paços
Quem os divirta á hora do descanço;
— Sões grão Senhor, e creio me chamasteis
Para vos divirtir: — mas, Cavalleiro,
Posto que ao meu caracter bem assente
A humildade christãa por Deos prégada,
Um Bispo todavia para bôbo
Pôl-o Deos muito alto.

D. Sisnando.

E um simples Conde
Para ser só christão sem ser humilde
Pôl-o Deos muito baixo. — N'este caso
Por humildade casarei co'a Moira.

O Bispo.

Humildades, que damnão alma, e patria,
São soberbas, senhor.

D. Sisnando.

Basta: conheço
O que sou, e ó que posso. — Esta donzella
Tem a alma pura, e santa, — e quer de Christo
Na bandeira alistar-se: — ousas, rebelde,
O baptismo negar-lhe?

O Bispo.

Ao céo não prasa
Que eu lhe roube uma ovelha, que ao rebanho
Off'rece o senhor Conde.

D. Sisnando.

E as bençãos santas
Do sagrado Himeneu . . . . .

O Bispo.

Isso não póde
Fazel-o a consciencia de Paterno.

D. Sisnando.

Zombas, ou fallas sério?

O Bispo.

A santidade
Do meu caracter, e o tamanho peso
Do negocio — zombar me não permittem.

D. Sisnando. (*Com voz terrivel.*)

Quem te deu essa mitra, Dom Paterno?

O Bispo.

Senhor, a vossa espada.

D. Sisnando.

Dom Paterno!
Quem t'a póde tirar?

O Bispo.

O alfange Moiro.

D. Sisnando.

O alfange Moiro! . . — E sée, que é defendida
Por braço, e coração de Dom Sisnando,
Do Moiro ousa tremer? . . . . falla.

(*O Bispo aponta para a Moira.*)

Silencio!

(*O Bispo faz profunda reverencia, e vai a saír.*)

Inda não, inda não. — Vês esta espada?

Se frontes de infieis ha destroncado,
Tambem sabe matar Bispos rebeldes.
— Entendes-me? hoje mesmo hei de esposal-a.

O Bispo.

Senhor, porém o Rei....

D. Sisnando. (*Mostra a espada.*)

O Rei é isto.

O Bispo.

E Deos tambem não quer.

D. Sisnando. (*Força.*)

E a minha espada
Não quer mais Bispo em Coimbra.

O Bispo.

Só o Papa
Me poderá depôr.

D. Sisnando.

Quando na cinta
Se traz tão boa adaga entre Africanos,
Serve ella de Monarcha, e de Pontifice,
E de Bispo, e de Deos. — Daqui a uma hora
Na capella entrarás do meu Palacio
Com teu sachristão mór. O Conde, e a Moira
Estarão lá com testemunhas duas:
E dez minutos mais, eil-a Condeça,
Christãa, e companheira de Sisnando.
Ouviste-me?

O Bispo.

Senhor, decorre o tempo,
Revela-se o sigilo; — e ai! de Paterno!
Ai! do Conde! ai! da Moira!

D. Sisnando.

Dizes n'isso
Que algo tem que sofrer de Coimbra o Consul,

Divulgado o segredo : — pois as Bençãos,
Hei de ir, já dia claro, recebêl-as
A' Cathedral de Coimbra ; — e um só murmurio,
Uma palavra só em menoscabo
Do consorcio da Virgem com Sisnando,
Vês esta espada?

O Bispo.

Mas . . .

D. Sisnando.

Ao romper d'alva
Entrarei com a Moira pelo Portico
Da Cathedral de Coimbra ; — e por tres vezes
Baterei tres pancadas. = Paz, e Bençãos
Ao Conde, e á Virgem : = direi eu; e logo
Dirá o Sachristão : = Depois das bençãos? =
= Christo, (responderei), e a minha espada. =
— Logo de par em par se abrão as portas;
E tu de O'pa sagrada revestido
As bençãos me darás. Vai-te. (*Vai-se o Bispo.*)]
(*Do Portico.*)
Escudeiro!
O Embaixador, que venha.

SCENA XI.

D. SISNANDO, E A VIRGEM DE CORDOVA.

(*Vem um para o outro, e dão as mãos.*)

D. Sisnando.

Moira bella,
Viste o que póde n'alma de Sisnando
Um empenho de amor? viste?

A VIRGEM DE CORDOVA. (*Beija-lhe a mão.*)
Meu Conde,
Tu és meu defensor, tu és meu Anjo,
Meu esposo, meu tudo.

D. SISNANDO.

Moira linda!
Porque não tenho eu vinte condados,
Em vez d'um para dar-te, e mil imperios
Para sacrificar-t'os?!... Porque os velhos
Ricos-homens d'aqui me não expulsão?!...
Porque elrei de Leão, Fernando Magno
Me não pune, e desterra?!... Moira linda!
Quizera ser proscripto, e descondado
Por tua causa só; — nas hermas selvas
Do meu retiro, unindo-te ao meu seio,
Dizer-te: « Lá no mundo deixei tudo,
« Deixei tudo por ti; — meu universo
« És tu, és tu sómente. »

A VIRGEM DE CORDOVA. (*Beija-lhe a mão.*)
Meu Sisnando!....

D. SISNANDO.

Minha vida!.. meu bem!..... Ah! que não tenhas
Um nome de Christãa para chamar-te!!..
Bella Virgem de Cordova, consente
Que um nome Godo, um nome de Rainha
Sáia dos labios meus: — olha, meu Anjo;
Houve outr'ora em Leão uma Princeza,
Que deu mate ás Bellezas mais falladas
Pela Europa christãa; — era Adosinda
O nome da Princeza: — Virgem bella,
Tu dás mate ás Bellezas do universo,
Tu vales mais que centos de Rainhas,
Tu és a flor celeste das Princezas,

Tu és minha Adosinda.

A VIRGEM DE CORDOVA.

O que tu dizes,
Nunca o hei de negar.

D. SISNANDO.

Minha, Adosinda!..
Oh! que este nome o peito m'embriaga...
Enlouqueço de amor...—Minha, Adosinda!
Assenta-te ao meu lado... A dextra bella
Une ao meu coração...— Olha, Condeça,
Não sou da terra agora: a minha vida
Revôa pelo céo.

UM PAGEM. (*Do Portico.*)

De Benalfagi,
Ismar, Embaixador.

SCENA XII.

D. SISNANDO, A VIRGEM DE CORDOVA, ISMAR, RICOS-HOMENS, CAVALLEIROS, ESCUDEIROS, PAGENS.

(*O Conde faz cobrir a Virgem com o véo, e senta-a ao seu lado.— Ao som de tangeres vão entrando Pagens, e Escudeiros, que fórmão uma ála no Portico, — Ricos-homens, e Cavalleiros, que fórmão outra ála ao lado do Conde. — Detraz de todos vem Ismar.*

ISMAR.

Conde de Coimbra
Paz a ti, — e aos teus. (*Grande reverencia á moda oriental.*)

D. SISNANDO.

Tua embaixada
A quem vem dirigida?

ISMAR.

A ti.

D. SISNANDO.

Senhores,

Retirai-vos.

D. NUNO.

É de uso, e lei antiga
Que embaixadas de moiros ouça o Conde
Na presença solemne, e veneranda
Dos velhos ricos-homens da Cidade:
Nem póde um Alvacir com voz de império
Nossos foros vedar.

D. SISNANDO.

Não manda o Conde,
Ordena Dom Sisnando. — Retirai-vos.

D. NUNO.

Senhor!

D. SISNANDO.

Contestações opoz triunfos,
Não uso com palavras decedil-as,
Porque tenho uma espada. — Retirai-vos.
(Vão-se todos os do acompanhamento fazendo profunda reverencia.)

SCENA XIII.

D. SISNANDO, A VIRGEM DE CORDOVA, E ISMAR.

D. SISNANDO.

Embaixador, saúda a minha Esposa,
Assenta-te depois, e falla azinha.
(Ismar faz profunda reverencia á Virgem, e vai sentar-se.)

ISMAR.

Benalfagi, meu amo, illustre Cid,
E Rei de Montemór a ti me envia
Em solemne embaixada, e desafronta
D'honra sua. — Senhor, n'uma floresta
Junto da Côrte, uns Paços encantados
De lucto, e dó havia; — e n'estes Paços
A mui formosa Neta dos Omeiades
De Benalfagi ao sacrosanto abrigo
Fazia pelos seus amargo pranto.
— Os teus a arrebatárão, sem que a guerra
Lhe désse jus a tal; — e o meu Monarcha,
Jurada a paz, t'a péde como amigo.

D. SISNANDO.

Nego-a como a inimigo; — vai-te. (*Ergue-se.*)

ISMAR. (*Ergue-se.*)

Espéra;
Inda não disse tudo. — O meu sob'rano
Quer que saibas tambem que se a negares,
Africa vem inteira a disputar-ta,
Que é tão illustre o sangue d'essa Virgem
Que um milhão de cabeças coroadas
Aqui virá por ella; — e vinte braças
Submergido c'os teus sob o Mondego
Com os muros, e as torres da cidade
Ficarás por Mafomá.

D. SISNANDO.

Pois embora:
Deixarei minha espada sobre os muros
Enterrada no chão; — e os Africanos
Com teu milhão de reis hão de curvar-se,
E saudál-a, e fugir.

ISMAR. (*Partindo.*)

Veremos.

D. SISNANDO. (*Aspero.*)
Moiro!
A Virgem já não vive.
ISMAR.
O' céos! . . . é morta!
D. SISNANDO.
Morreu para Mafoma, e para Moiros,
Vive para Sisnando, e para Christo;
(*Levanta-lhe o véo, e mostra-a.*)
É minha esposa, prostra-te, saúda
Adosinda, mulher de Dom Sisnando,
E Condeça de Coimbra.
ISMAR.
O' céo, troveja,
Anathema nos vís, que assim te ultrajão,
Maldição no Infiel, que a teus altares
Rouba a Pomba sagrada.
D. SISNANDO. (*Traz a Virgem pela mão.*)
Virgem bella,
Vamos aparelhar-nos para a festa.
— Ismar serás dos nossos n'este dia
De regosijo, e gala; — pelos Paços
Livre pódes andar. — Vamos Condeça. (*Vão-se.*)

SCENA XIV.

ISMAR, *e logo* OSMAN.

ISMAR.
Vai, soberbo, caminha para Christo.
Com a Pomba Africana, — que Mafoma,
E Ismar quiçá, da garra sanguinosa

Roubar-ta saberáõ. (*Vai a partir.*)

OSMAN. (*Sáe debaixo da mesa, e segura Ismar.*)

Ismar! conheces-me?

ISMAR.

Caro Osman, torno a ver-te...

OSMAN.

Escuta, amigo;

Ao romper d'alva sóbe Dom Sisnando
Da Cathedral ao Portico, — e tres vezes
Baterá tres pancadas; = Paz, e bençãos,
Ao Conde, e á Virgem. = = E depois das bençãos? =
= Christo, e a minha espada. = — Eis o dialogo,
Senha entre o Sachristão, e Dom Sisnando.
— Depois abre-se a porta; — e sabe, amigo,
Que o velho Sachristão é tão cobarde
Que fará quanto queiras. — A que a segue,
Escrava da Princeza, alma tem fragil
Corrompida, e venal. C'os dous podemos
Quedar tranquilos, e sercear venturas
D'esta terra infiel.

ISMAR.

Trama enredada,
Póde um Moiro formar co'esses dous élos.
A senha me repete.

OSMAN.

= Paz, e Bençãos
Ao Conde, e á Virgem: = Diz o Conde; e logo
O Sachristão dirá: = Depois das Bençãos? =
= Christo, dirá o Conde, e a minha espada. =
Isto apoz tres pancadas.

ISMAR. (*Repetindo baixo.*)

= Paz, e Bençãos
Ao Conde, e á Virgem. = = E depois das Bençãos? =

= Christo, e a minha espada. = E essa Moira
Crês que servir-nos queira?

OSMAN.

Meia hora
Depois da meia noute irei buscar-te
A' baixa gelosia do Palacio;
E fallaremos lá.

ISMAR.

E crês que a Virgem
Ame o Conde?

OSMAN.

Se creio!

ISMAR.

Morrão ambos.

OSMAN.

Já não ha outro meio de arrancar-lha.
Logo te direi tudo. (*Parte.*)

ISMAR.

Osman, espera...

OSMAN.

Silencio c'o esse nome! Adeos. (*Vai-se.*)

ISMAR.

Triunfo,
Victoria ao Moiro Ismar, máo grado ao Conde.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

II.

As Soberbas.

Φεῦ τῆς βροτείας, ποῖ προβήσεται, φρενός;
Τί τέρμα τόλμης καὶ θράσους γενήσεται; v. 949 57.

ΕΥΡΙΠΙΔΟΥ ΙΠΠΟΛΥΤΟΣ.

Heu. quó progredietur humana mens?
Quis finis temeritatis, et audaciae erit?

Euripidis Hippolytus.

DECLAMADORES.

ISMAR.

O SACHRISTÃO MÓR.

A ESCRAVA.

D. LOURENÇO.

D. NUNO.

O TIUFADO.

O BISPO.

O ABBADE DE LORVÃO.

D. SISNANDO.

COMPARSAS.

A VIRGEM DE CORDOVA.

D. EGAS.

O RICO-HOMEM VOIMARANO.

4 SACHRISTÃES DA SÉE.

RICOS-HOMENS.

CONEGOS.

CAVALLEIROS.

ESCUDEIROS.

PAGENS.

A Scena é em Coimbra, no Adro da velha Cathedral, e portico da mesma.

É ao romper d'Alva.

ACTO SEGUNDO.

(Atrio da velha Cathedral de Coimbra tal qual existe hoje, com grossa Balaustrada de pedra, etc. — O Portico da Igreja está no fundo do Theatro; — é de arcos, e columnas gothicas; e sobem-se para elle quatro degráos. — A porta do Templo está fechada. — Vai a amanhecer.)

SCENA PRIMEIRA.

ISMAR, *e logo* O SACHRISTAÕ MÓR.

(Ismar está encostado á Balaustrada. — Ergue-se; sóbe os degráos do Portico; e bate tres vezes tres pancadas na porta da Igreja.)

UMA VOZ DE DENTRO.

Quem bate ás férreas, sacro-sanctas portas
Da Cathedral de Coimbra?

ISMAR.

Paz e bençãos
Ao Conde, e á Virgem.

A VOZ DE DENTRO.

E depois das bençãos?

ISMAR.

Christo, e a minha espada.

(Abrem-se as portas de par em par. Vê-se toda a nave maior da Cathedral. — Apparece o Sachristão Mór; e depois de abrir as portas dá dous passos avante, fazendo profundissima reverencia.

O SACHRISTAÕ MÓR.

Senhor Conde.

(Ismar trava-o pelas vestes, aponta-lhe um punhal ao peito, e diz:)

ISMAR.

Se ousas appellidar por quem te valha,
Enterro-t'o pelo âmago da vida.
(Arrasta-o pelos degráos, e traze-o á bócca do Theatro.)

ISMAR.

Sachristão Mór da Cathedral de Coimbra,
Que esperas d'este ferro?

O SACHRISTAÕ MÓR.

A morte.

ISMAR.

E queres
Ganhar a vida n'elle?

O SACHRISTAÕ MÓR.

Esse desejo,
Quem o não ha de ter!

ISMAR.

Pois bem; responde
A quanto eu perguntar, faz quanto ordeno;
— E vives.

O SACHRISTAÕ MÓR.

Perguntai, mandai.

ISMAR.

A que horas
O Abbade de Lorvão deixa São Pedro,
A Hermida, que lhe deu Fernando Magno,
E vem á Cathedral ver-se c'o Bispo?...
Responde.

O SACHRISTAÕ MÓR.

A's nove horas.

ISMAR.

Máo Demonio
Leve as horas tardías. — Dom Paterno
A que horas se levanta?

O Sacristaõ Mór.

Com a Aurora.

Ismar.

Maldito! que tem manhas de soldado!

O Sacristaõ Mór.

Obrigações do officio seu...

Ismar.

Silencio!...

(Pensa um pouco; — depois tira uma carta, e entrega-á ao Sacristão.)

Leva esta carta á Hermida de São Pedro;
Dize ao Abbade, que se achou nos Paços,
E que lha manda o Bispo.

(O Sacristão vai a partir.)

Espera. — Em Christo
Crês tu, e na lei d'elle?

O Sacristaõ Mór.

D'alma, e vida.

Ismar.

E juras pela lei, e pelo Christo
De me seres fiel?

O Sacristaõ Mór.

Juro.

Ismar.

Retira-te.

(O Sacristão encaminha-se ao Portico.)

Onde vás? Onde vás?

O Sacristaõ Mór.

As santas portas
Primeiro fecharei.

Ismar. *(Levanta o ferro.)*

Vêl-o?

O Sacristaõ Mór.

E o Templo
Hei de deixar aberto?!

Ismar.

Irei fechal-o.

O Sacristaõ Mór.

Jesus! Meu Deos! um Moiro!?

Ismar.

E o Deos de todos
Ao Moiro não deu mãos?! ... falla.

O Sacristaõ Mór.

Mas ...

Ismar. *(Levanta o ferro.)*

Vêl-o?
Uma dúvida mais, cravo-to n'alma.

O Sacristaõ Mór. *(Reverencia.)*

Obedeço.

Ismar.

E juras?

O Sacristaõ Mór.

Juro.

Ismar.

Parte. *(Vai-se o Sacristão.)*

SCENA II.

Ismar. *(Só.)*

Altas, soberbas, gothicas ameias
Da Mesquita sagrada, — hoje profana
Por culto de infieis, — em breves horas
Soará n'esses muros, n'essa abobeda
O mais terrivel, espantoso anathema,

Que na terra se ouvio desde que o Anjo
Do Nume vingador lançou do Elyseo
O tredo Pai dos homens. — Mafamede
Mandou-me aqui para vingar-lhe insultos:
As iras do Profeta hão de cevar-se;
— E Conde, e Cathedral, e Bispo, e quanto
Do Rei de Montemór colheo triunfos
Ha de hoje aqui gemer...

(Põe a mão sobre o peito.)

Paz, minhas glorias. —
É a hora dada. — A'vante, e Mafamede....

(Escuta.)

Não se ouve nada ainda. — A hora é esta...

(Batem-se as palmas tres vezes na esquina da Sée.)

Ei-la. *(Corresponde, batendo igualmente as palmas.)*

SCENA III.

ISMAR, E UMA ESCRAVA.

A ESCRAVA.

A's ordens tuas...

ISMAR. *(Tira uma bolsa.)*

Esta bolsa
É do valente Cide Benalfagi:
— Tem oiro tanto, e joias, que trinta annos
Pódes andar sem mingoas pelo mundo
Co'a bolça ao lado. — Faz o que te ordeno,
— E é teu tudo isto.

A ESCRAVA.

A offerta é grandiosa...
— Manda, senhor.

ISMAR.

No quarto de Adosinda

Tens tu entrada livre?

A Escrava.

A toda a hora.

Ismar.

Já lhe viste um retracto, que no seio
Traz pendente em colar de oiro, e diamantes?

A Escrava.

Hoje mesmo lho vi, — que sobre a mesa
M'o mandou ella pôr quasi dormida,
— Com medo de o quebrar.

Ismar. *(Tira um retracto.)*

Este retracto
Ao d'ella se assemelha?

A Escrava.

Não, por certo;
O outro é moço, e imberbe; — e este é Moiro,
Barbado, e feio.

Ismar.

Fallo da medalha:
— Em que discrépa?

A Escrava.

Em nada; — nos retractos
É que ha diff'rença.

Ismar. *(Dá-lho.)*

Embora. Este, has de pôl-o
Enfiado no colar; — e has de trazer-me
O outro imberbe, e moço...

(A Escrava fica pensativa.)

Ouviste?

A Escrava. *(Mostrando o retracto.)*

E póde
Ir mal d'aqui á Virgem?

ISMAR. (*Mostra a bolça.*)
Vêl-a ?
A ESCRAVA.
Basta. (*Vai-se.*)

SCENA IV.

ISMAR, E D. LOURENÇO.

(*Ismar vai a sair, e encontra-se com D. Lourenço.*)

D. LOURENÇO.
Quem és? onde caminhas? que pertendes?
ISMAR.
Sou Moiro, Embaixador do Rei visinho;
Outorgou-me licença Dom Sisnando
Para ser livre dentro em vossos muros ;
— Onde me apraz hei de ir. — Deixa-me.
D. LOURENÇO.
O Conde
Tambem te concedeo o profanares
Da Cathedral o Portico sagrado?...
— Responde.
ISMAR.
Dom Sisnando convidou-me
Para assistir á festa.
D. LOURENÇO.
A' festa!!...
ISMAR.
E disse-me
Se desposava esta manhãa co'a Neta
Do nobre Abderramon, Virgem de Cordova,
E futura Rainha das Hespanhas.

A cruz mais o crescente vão juntar-se
Na aliança do Conde, e de Adosinda.
— Approvo a liga; — e acceitei a offerta,
E o convite do Conde.

D. Lourenço.

E presumiste
Que em tal convenha Dom Fernando Magno,
E os Ricos-homens da cidade illustre,
Que teve d'elle um prémio de triunfos?!

Ismar.

Mas se o Conde ordenar...

D. Lourenço.

Ordena em balde.

Ismar.

Tem por si uma espada vencedora,
— E o alfange de Ismar.

D. Lourenço.

Tu seu amigo!
Tu o seu defensor!

Ismar.

Aliança eterna
Acaba de firmar com meu sob'rano.
Ninguem póde romper a paz jurada;
Que o cunho da aliança foi a Virgem,
E cunho tão gentil, ninguem o rompe.

D. Lourenço. *(Com cólera.)*

Retira-te.

Ismar.

Mandar-me não te cumpre.

D. Lourenço. *(Com mais cólera.)*

Nesta hora sou mais que Dom Sisnando.
— Retira-te.

ISMAR.

Não posso retirar-me
Sem me taxar de descortez o Conde.
Convidou-me a assistir á festa sua;
Hei de vel-o casar, — depois retiro-me.

D. LOURENÇO. *(Fóra de si.)*

Em nome de Mafoma: — vai-te.

ISMAR. *(Partindo.)*

Asêda
Já te fica bem a alma. — Eia, que o Conde
Ha de hoje baquear, — e a Moira bella
Ha de ír ao meu sob'rano, ou viva, ou morta.

(Vai-se.)

SCENA V.

D. LOURENÇO. *(Só.)*

(Fica em grande agitação; e vai ajoelhar nos degráos do Portico.)

D. LOURENÇO.

Que mal te fiz, ó Deos tres vezes santo?!
Que mal te fez a desditosa Patria?!
Descaroavel Deos! por que me engeitas?
Porque a abandonas?! — Inhumano jugo
Pesava sobre nós: — teu braço eterno
Este jugo quebrou por Dom Sisnando;
— E Dom Sisnando tece-nos cadeias
Co'a espada, que as desfez. — Na fronte calva
Cuidei que raras cans, que a cobrem inda,
Irião socegadas ao sepulchro:
— A dextra de um christão vem arrancar-me
As que poupára o Moiro. — Deos sagrado!

Antes que tal succeda, abre-me a campa.
Antes que eu veja a filha de Agarenos,
A Omeiade infiel dar leis em Coimbra,
Aniquilla, senhor, cidade, Conde,
Paços, e Cathedral, e Bispo, e tudo.

SCENA VI.

D. LOURENÇO, D. NUNO DE LARA, O TIUFADO, RICOS-HOMENS.

D. NUNO.

(*Bate com a mão no hombro a D. Lourenço, que se levanta.*)

Que é isto, Dom Lourenço!? — De joelhos
A' hora das vinganças! — Inda a dextra
Não cinge a espada! — Ainda para a guerra
Teus infanções não chamas!?

D. LOURENÇO.

Novo ataque
Temos de Moiros!?

D. NUNO.

Não, — sóbe de ponto;
— Temos de combater com Dom Sisnando;
Havemos de julgal-o pelos fóros,
Que Elrei Fernando concedeo a Coimbra:
O livro da lei Gothica ha de abrir-se;
— E se o vil se oppozer, nossas espadas
Farão a vez de lei.

O TIUFADO.

Sim, Ricos-homens,
O Conde é já anathema, e interdicto, —

Quer casar com a filha dos Omeiades;
— E Moiro não é Conde. — Cavalleiros,
Eu Tiufado em nome do monarcha
Vos chamo aqui a todos; — fazei presto
Juntar os Ricos-homens, que nos faltão,
O Abbade de Lorvão, e Cavalleiros,
E Senhores da terra; — eu vou ao Bispo,
E serei presto aqui. *(Entra na Igreja.)*

SCENA VII.

D. LOURENÇO, D. NUNO, RICOS-HOMENS,
depois, CONEGOS, SACRISTAENS, ETC.

(Durante a Scena entrão na Igreja alguns Ricos-homens, outros ficão no Portico, outros em grupos, ou passeando no fundo do Theatro. — Chegão Conegos, e outros Ricos-homens, que ficão tambem no fundo. — Sáem da Igreja dous Sacristães com uma cadeira coberta de damasco branco, que collocão ao lado do Portico, em baixo: outros dous com uma de damasco escarlate, que põem do outro lado: — depois trazem uma mesa coberta com rico panno de veludo escarlate com franja d'ouro, que põem junto á cadeira vermelha. Vêm sobre a mesa dous grandes livros in folio, um com as armas de Castella, e Leão, (*) outro com as de Coimbra, (**) na capa posterior; ambos sobre almofadas de brocado d'ouro. Acaba de amanhecer no fim da Scena.

D. LOURENÇO.

(Traz D. Nuno pelo braço á boca do Theatro.)
Ai! caro amigo!
Perdi o filho meu n'essas batalhas,

(*) As armas de Castella e Leão n'aquelles tempos erão: — um Escudo em quatro quadros, a saber: no alto da direita e baixo da esquerda — Castello de ouro em campo de purpura; nos outros dous — Leão vermelho em campo de prata.

(**) Armas de Coimbra: — uma Donzella coroada, saindo-lhe meio corpo de dentro de um Calix; accommettida de um lado por um Dragão verde, do outro por um Leão.

Perdi o unico arrimo de meus annos,
Perdi tudo... Ai! de mim!... restava ainda
Uma filha, que o filho mais amada,
A amada minha patria... Ai! desditosa!...
Tambem a perdi hoje.

D. NUNO.

E crês, amigo,
Que a falta de Sisnando valha tanto,
Que vença o Moiro aqui, se o descondar-mos?

D. LOURENÇO.

Ah! meu caro Dom Nuno! inda não sabes
A perfidia do Conde. — Alta aliança
Acaba de jurar-se entre elle, e o Moiro,
(Ismar m'o disse cheio de vangloria.)
— Convidou-o a assistir aos desposorios,
No solio cordovez quer ir sentar-se
De Abderramon co'a Neta; — e vende a Christo
Pelo fumo d'um throno.

D. NUNO.

Dom Lourenço!
A vida me gelastes co'essa nova,
— Calemol-a nós ambos: — Dom Lourenço!
Fique em refens no centro de nossa alma
Té se julgar o Conde.

D. LOURENÇO.

Máo agoiro
Foi o vir ella hoje tão asinha.
Temo tudo da espada de Sisnando,
Temo tudo do Moiro.

D. NUNO.

Nada temas;
Oito dos Ricos-homens me juráião
Que havião de pugnar pela justiça,
E vingança das leis.

D. Lourenço.

Que importa, amigo!?
O condemnado é sempre Dom Sisnando;
Este nome tirar-lhe não podemos,
E este nome avassala, e doma tudo.

D. Nuno.

Juro que o proprio nome hei de tirar-lhe;
Ha de gemer recluso em nossos carceres;
— E se alguem se oppozer, tire-se a vida
Aos rebeldes, e ao Conde.

D. Lourenço.

Meu Dom Nuno,
Vigor do coração, soberbas d'alma
Inda, amigo, te illudem. — Não divisas
Esta fronte caduca, a testa calva,
O semblante rugado? — Olha, Dom Nuno,
Todos vós, Ricos-homens de Coimbra,
Cavalleiros d'outr'ora, sões caducos,
Calvos como esta calva; — os vossos braços
Mal ousão arrancar o çujo ferro
Da bainha apertada pelos annos:
— E apenas arrancado, eia, que a dextra
Em vez de o manejar se encosta a elle.
Queres com armas taes vencer o Conde,
Com todos os seus vinte Cavalleiros,
Dom Egas, que por si vale cem Moiros
Dom Ruy Dias, o mais gentil mancebo,
E nobre Campeador dos dous exercitos,
Martim Moniz, valente entre os valentes,
E os mais que ha'hi, açoites de Agarenos,
E Pagens, Escudeiros, e Soldados,
Na flor dos annos todos, e tão ledos,
E ufanos de vencer?!

D. Nuno.

E crês, amigo,
Que todos esses vinte cavalleiros
Ousem seguir o falso Dom Sisnando,
Se o virem perjurar altar, e patria?!...
Animo! Dom Lourenço. Vem chegando
Os Ricos-homens todos; — Christo! e ávante.

SCENA VIII.

D. LOURENÇO, D. NUNO, O TIUFADO, O BISPO, O RICO-HOMEM VOIMARANO, RICOS-HOMENS, CONEGOS.

(O Tiufado vai sentar-se na cadeira de escarlate, o Bispo na de branco. Ambos sáem da Igreja.)

O Tiufado.

Eu, Dom Alvaro Mem, Vassalo antigo,
Rico-homem Leonez, e Cavalleiro,
De sangue velho, e Godo, — e Tiufado
Posto por Deos aquí, e Dom Fernando,
Rei de Leão, para fazer justiça
Com os mais Ricos-homens de Coimbra, —
Faço a todos saber que um Cavalleiro
Christão, e Lusitano, illustre, e Godo
Acaba de manchar-se com a Neta
Dos agarenos perfidos Omeiades;
Levando o arrojo a tal, que ousa esposal-a
Das leis em menoscabo; — atroz blasfemia
Contra o Bispo soltou, e contra Christo,
E quer que a sua espada valha tanto
Como Deos, e o Monarcha. — A vós compete
Julgar em tal delicto; — e eu Tiufado,

O que julgardes vós, minha sentença
O fará bem julgado.

D. Nuno.

É réo de morte
O christão, que tal fez; — impenitente,
Morra por isso.

Alguns dos Ricos-Homens.

Morra.

O Bispo.

Ricos-homens!
Suspendei a sentença. O Nume santo
Protector de Christãos apoz a culpa
Quer o arrependimento: — e no sepulchro
É que ha de arrepender-se o malfadado,
Que impenitente arremeçaes á campa?!
Ricos-homens, irmãos, d'essa maneira
Só julga o Moiro d'Africa. — Mais leve
Seja o castigo; — e se do alto crime
O perdão impetrar arrependido,
Perdoemos-lhe; — e seja Cavalleiro,
Amigo, e irmão de todos.

D. Nuno.

Senhor Bispo,
O réo, que se condemna, é réo tamanho,
Que, se não morre já, periga a patria.
Tu, senhor Dom Paterno, não deveras
Desculpal-o tão manso; — a tua injuria
Pede tambem vingança.

O Bispo.

A minha injuria
Ha muito a perdoei.

D. Nuno.

Porém as nossas

Só no pó do sepulchro se perdoão. —
Não é assim, Ricos-homens?
(Os Ricos-homens inclinão-se, em signal de approvação.)
— Viste?

O Bispo.

E aquellas,
Que tendes feito pelo andar da vida,
Quereis tambem, irmãos, vol-as perdoem
No pó da sepultura?!... Desgraçados!
A maldição dos céos está pendente
Nas vossas frontes. — Que pedís?!...

SCENA IX.

Os mesmos, e o Abbade de Lorvão.

O Abbade de Lorvaõ. *(Entra precipitadamente.)*
Vingança!
Conegos, Ricos-homens, Cavalleiros,
Defensores da Patria, — cesse tudo.
— O mais tredo de quantos pelo mundo
Crimes se hão visto péde pena tanta,
Que tudo al seja pouco. — Os nossos foros,
O Codigo da Lei, a honra da Patria,
Paz, e religião gritão vingança.
— O Abbade de Lorvão jámais se acanha,
Quando alteia o bradar justiça em prantos.
Eu sou o accusador, — e o réo de morte
É o Conde D. Sisnando.

O Tiufado.

Sancto Abbade,
Silencio! A accusação está já feita;
Ora cumpre julgal-o.

O Abbade de Lorvaõ.

Eu tenho próvas
Tantas, e de tal monta, que appellido
Por nova accusação.

O Tiufado.

Novo silencio!
Cumpre ao Bispo fallar.

O Abbade de Lorvaõ.

Quiçá que eu tenha
Mais jus do que elle. — O Bispo de Coimbra,
Quando elRei de Leão tinha em assedio
Muros d'aqui, bem como al aos olhos
Era de todos; — e o Prelado illustre
Dos Monges negros, rei do seu Mosteiro,
Apoz de reis alliança, sua ajuda
Deu Coimbra a Dom Fernando, e paz á patria.
A off'renda regeitei d'esta cidade;
— E se o Conde hoje a tem, é porque outr'ora
Dos monges negros a não quiz o Abbade.
Quem tem titulos taes falla primeiro,
E não ouve: « silencio! »

O Bispo.

Paz! Abbade,
Se direitos me assistem, d'elles cedo;
Disputem primazias os da terra,
— A nós só cumpre disputar virtudes.
— Fallai primeiro.

O Abbade de Lorvaõ.

Tenho tambem alma
Grande, para ceder-vos primazias;
— Mas por grande, e por nobre não vos cedo
A palma da virtude.

O Bispo.

Ahi silencio!

Não se disputão essas com palavras,
É com acções.

O Abbade de Lorvaõ.

Pois com acções ....

D. Lourenço.

Senhores!

Chega o Conde Sisnando.

D. Nuno.

Pois prendâmol-o.

SCENA X.

Os mesmos, D. Sisnando, e a Virgem de Cordova.

(O Conde vem com magnifico vestido de brocado d'ouro, capa curta do mesmo, chapéo de plumas. A Virgem vem ricamente vestida de Condeça com uma cruz ao peito, e com um comprido véo branco. — O Conde traz a Virgem pela mão; aparta com a outra desdenhosamente os Ricos-homens; sóbe os degráos do Portico; e ao passar pelo Bispo diz, apontando para o templo.)

D. Sisnando.

Paterno, Bispo, eia.

(O Bispo levanta-se, e vai suspender o Conde sobre os degráos do Portico.)

O Bispo.

Senhor Conde!

Não vos cumpre fallar d'esta maneira
Em tal sitio, a tal hora. — Senhor Conde!
Eis os vossos juizes, — cortejai-os.

(O Conde deixa a Virgem ao pé do Bispo, e cobre-a com o véo. Depois désce os degráos com a mão nos cópos da

espada, lança uma olhadura ameaçadora para todos, e diz com voz espantosa.)

D. Sisnando.

Que fazeis vós aqui?... *(Silencio profundo.)*
Ninguem responde!...
(Com dobrada força.)
Que fazeis vós aqui?

O Tiufado. *(De pé.)*

Justiça.

D. Sisnando. *(Mão na espada.)*

A' espada
De Sisnando tambem cumpre fazel-a.

O Abbade de Lorvão.

Senhor Conde Sisnando, mais prudencia!
Faz as vezes d'elrei este conselho.

D. Sisnando.

Quem ousa aqui dizer rei, ou prudencia
Na presença do Conde Dom Sisnando??

O Tiufado.

(Apontando para os livros, que estão sobre a mesa.)
Este livro, Senhor, e este.... A lei gothica,
Não se dirá que o Tiufado illustro
Da generosa côrte do Mondego
Um dia a desprezou: — e os sanctos foros
Que Dom Fernando acaba de outorgar-nos,
E que escriptos guardamos neste livro,
Quando alguem os calcar, ha de primeiro
Calcar as nossas frontes venerandas,
Arrancar nossas cans, e c'um cutélo
Quebrar nossos brasões.

D. Sisnando. *(Com voz de imperio.)*

Dom Mem, descobre-te.
(O Tiufado descobre-se.)

Todos vós, Ricos-homens, descobri-vos . . . . .
(*Descobrem-se todos.*)
Tambem aquelles livros sacro-sanctos
Vos fazem descortezes?

D. Lourenço.

Muitas horas
Não ha, senhor, que a todos permettiste
Cobrir-nos ante vós.

D. Sisnando.

E o mesmo labio
Vos manda descobrir.

D. Nuno.

Porém . . . .

D. Sisnando.

Silencio!
(*Conduz a Virgem pela mão; e encaminha-se ao Portico.*)
Segue-nos, Dom Paterno.
(*O Bispo faz profunda reverencia, e segue os dous ao Templo. — Os Ricos-homens cobrem-se.*)

SCENA XI.

O TIUFADO, O ABBADE DE LORVÃO, D. NUNO, D. LOURENÇO, CONEGOS, ETC.

D. Nuno.

Eia, prendâmol-o,
Fechemos-lhe esta porta, e fique o Conde
Preso na Cathedral. — Este é meu voto.

O Abbade.

Senhor Dom Nuno, fallas muito alto
Na ausencia de Sisnando; — na presença

Todos tremesteis. — Foi mais valoroso,
O Abbade de Lorvão. — Ficai, Senhores,
Prender na Cathedral um Cavalleiro,
Só Deos fazel-o póde. — Eu vou trazer-lhe
A Moira pelo braço; — Dom Sisnando
Apoz ella virá; — e o Tiufado
Lançará d'elle mão, apenas sáia
Do Portico sagrado. — Entanto cumpre
Fulminar a sentença.

D. Nuno.

Eu voto a morte.

O Abbade de Lorvaõ.

E morra impenitente.

O Tiufado.

Morra.

Todos.

Morra!

SCENA XII.

Os mesmos D. SISNANDO, A VIRGEM, O BISPO.

D. Sisnando.

Quem ousa condenar a Dom Sisnando?

(*Vão descobrindo-se pouco e pouco.*)

O Tiufado. (*De pé, apontando para os livros.*)

A lei, Senhor.

D. Sisnando.

E quem ousa accusal-o? ... (*Silencio.*)

(*Mais forte.*)

Ninguem responde! ... quem ousa accusal-o?? ...

(*Silencio.*)

Tiufado, os Ricos-homens emudecem;
Responde tu por elles.

O TIUFADO.

Senhor Conde,
Accusárão-te todos.

D. SISNANDO.

Basta. — Infames! (*Desembainha.*)
— Não sabeis vós que a ponta d'esta espada
Vale mais do que oitenta Tiufados,
Quinhentos Ricos-homens, vinte Coimbras,
E dez frontes de reis!? . . . . Os vossos foros,
E o Codigo das leis, se a minha adaga
Na bainha morrer, que ficão? cinza . . . . (*Pausa.*)
Que sois todos sem ella? . . . . o que ereis dantes,
Escravos . . . (*Pausa.*) —Pagaes mal serviços tantos:
Aprendesteis do Moiro a ser ingratos,
— E cobardes tambem.

D. NUNO.

Senhor! cobardes . . . .

D. SISNANDO. (*Bate o pé no chão; voz terrivel.*)
Quem ousa interromper-me quando eu fallo??(*Silencio.*)
Ricos-homens, ouvi-me. (*Vindo a D. Lourenço.*)

Dom Lourenço,
Quem te arrancou dos carceres medonhos,
Em que preso gemias, ha dez annos,
Por decreto do Moiro Aben-Falula?

D. LOURENÇO.

Senhor, a tua espada.

D. SISNANDO. (*Levanta a espada.*)

Eil-a, saúda-a.
Prosta-te a ella.

(*D. Lourenço faz profunda reverencia.*)

D. SISNANDO. (*Vai a D. Nuno.*)

Senhor Nuno de Lara,

Quem te deu toda a terra, e monte, e valles,
Que possues nas margens do Mondego?

D. NUNO.

Senhor, a tua espada.

D. SISNANDO. (*Levanta-a.*)

Eil-a, saúda-a,
Prosta-te a ella.

(*D. Nuno faz profunda reverencia.*)

D. SISNANDO. (*Vindo ao Abbade.*)

Monge sacro-sancto,
E Abbade de Lorvão, — o teu Mosteiro,
Quem o livrou da vexação de Moiros?

O ABBADE.

Senhor, a vossa espada.

D. SISNANDO. (*Levanta-a.*)

Eil-a; — sauda-a,
Prostra-te a ella.

(*O Abbade faz profunda reverencia.*)

D. SISNANDO.

Ricos-homens todos. (*Levanta-a.*)
É esta a vossa guarda, e defensora;
Eia, saudai-a já. (*Todos reverencia.*)
— Basta, Senhores,
Saudasteis porção da minha vida,
Metade qu'rida d'alma: — a outra metade,
Tambem heis de saudál-a.

(*Vai buscar a Virgem ao Portico, e tral-a pela mão, levantando-lhe o véo.*)

Aqui a tendes;
Prostrai-vos, e saudai Dona Adosinda,
Condeça de Coimbra, minha Esposa,
E metade d'esta alma. (*Todos immoveis.*)

(*D. Sisnando bate o pé no chão, e dá uma pancada nos cópos da espada.*)

Ricos-homens!
Que é isto!?...

D. Nuno.

Senhor Conde, é necessario
Que em nome dos que vês aqui presentes,
E em desaggravo teu Dom Nuno explique
O nosso proceder.

D. Sisnando.

Falla, e sê breve.

D. Nuno.

Duas palavras só: — Elrei Fernando
Poz-te aqui Alvacir, e Conde, e Consul
Para fazer justiça, e defender-nos
De ataques de infieis. Quando tyranno
Segues em vez de lei teu alvedrio,
— E em vez de defender esta Cidade,
Fazes c'o Moiro alliança de consorcio;
N'esse instante tu deixas de mandar-nos,
E nós de obedecer-te.

D. Sisnando.

Ricos-homens!
Julgaes bem dicto o dicto de Dom Nuno?
(*Inclinão-se todos em signal de approvação.—D. Sisnando grita com muita força.*)
Dom Egas, meu Alferes! Pagens d'armas!
Escudeiros! Soldados!

O Bispo.

Senhor Conde!
Tão leaes, e valentes Ricos-homens,
Prendêl-os, opprimil-os, é de fraco,
É de Moiro.

D. Sisnando.

Silencio!

SCENA XIII.

OS MESMOS, D. EGAS, D. RUY DIAS, CAVALEIROS, ESCUDEIROS, PAGENS.

D. SISNANDO.

Vem, D. Egas,
Vês todo este montão de Ricos-homens?
— Já deixárão de o ser: — rebeldes todos,
Ferrea cadeia os pulsos lhe agrilhôe,
Gemão seu crime em lobrega masmorra;
— E se algum se queixar, c'o braço invicto
Na terra o sumirei quinhentas braças,
E queixe-se de lá. Eia, Senhores,
Saudai a minha esposa. Dom Ruy Dias,
Açoute de infieis, flor de valentes,
O orgão sê tu, e a voz dos Cavalleiros.

D. RUY DIAS

(Adianta-se do grupo dos Cavalleiros.)

Eu Dom Rodrigo Dias de Bivára,
De sangue velho, e godo, — e Cavalleiro,
E Cide, e Campeador, — pelos mui nobres,
Aqui presentes, companheiros d'armas,
Por mim, pelo senhor elrei, meu amo,
Por Deos, por Jesus Christo, e São Thiago
Reconheço, e saúdo por Condeça
A mui nobre Senhora, e Dama illustre
Dona Adosinda, esposa de Sisnando,
E Princeza de Cordova, e de Moiros.
E em penhor do meu dicto arranco a luva,

(Arroja a luva ao chão.)

E a arremeço ao que ousar alevantal-a.

E duzentos, ou vinte mil, que a ergão,
Ou sejão de Ismaél, ou dos de Christo,
Tem de vêr-se co'a espada victoriosa
Do Campeador valente das Hespanhas.

D. Nuno. (*Ergue a luva.*)

Levanto-a eu, Dom Ruy; — e se na lide
Espada, e ancião, ambos de rôjo
Caírem a teus pés, — aqui presentes
Companheiros em mais de cem batalhas,
E ora socios nas cans, vês, que inda off'recem
Braços, e corações para vingar-me.
Senhor Dom Ruy, escolhe o teu padrinho
D'entre esses vinte moços valorosos.
O meu é Dom Lourenço, o mais caduco
D'entre os caducos anciões de Coimbra.
E da fé em penhor, e do meu dicto
Aqui tens esta mão. (*Dão as mãos.*)

D. Ruy Dias.

Acceito o doélo,
Mas sem padrinhos; e jurar te posso
Que pugnando, (por não envilecer-te,)
Generoso ancião, apoz a lide
Viremos de mãos dadas ante a Virgem
Cortejal-a Condeça, sem que a espada
Do Cide Campeador teu sangue verta.
— Conde de Coimbra, a ti compete agora
Mandar o campo, e a hora do doélo.

D. Sisnando.

Nem campo, nem doélo. — Dom Sisnando,
Quando nos seus dominios se alevantão
Contestações, e lides, c'um aceno
Costuma terminal-as: se alguem insta,
Tem uma espada, que se embebe inteira

No coração do vil, e o vil é cinzas.
Não mais duello. — E vós, ouvi-me todos:
Soldados, Pagens d'armas, Cavalleiros,
Saudai a minha esposa.

O ABBADE DE LORVÃO.

Por Deos homem,
Mando que a não saudeis . . . .
(D. Sisnando caminha para elle com ar ameaçador.)
Senhor Sisnando!
Não me atterra esse aspecto carrancudo;
O Abbade de Lorvão por trinta vezes
Já vio a face livida da morte;
Já vi sessenta alfanges Mauritanos
Alçados sobre a cruz, e sobre os monges,
Alçados sobre mim, e disse: « Christo! »
E os alfanges tremêrão. — Dom Sisnando,
Podeis n'esta cervís erguer a espada;
— « Justiça! » bradarei: e espada, e Conde,
Ha de tudo tremer. — Bispo de Coimbra!
O Conde é já casado com a Moira?

O BISPO.

Que falle o Senhor Conde.

D. SISNANDO.

Em breves horas
A verás no meu Paço.

O ABBADE DE LORVÃO.

Em breves horas
A vereis no patibulo.

D. SISNANDO. *(Trava-lhe do braço com colera.)*

Que dizes?!

O ABBADE DE LORVÃO.

Conde! qual é a pena de uma adultera?

D. SISNANDO.

A morte.

O ABBADE DE LORVAÕ.
Condemnaste-a: é morta a Moira.
D. SISNANDO. (*Trava-lhe do braço.*)
Abbade de Lorvão! . . . .
O ABBADE DE LORVAÕ.
Senhor Sisnando,
Ricos-homens de Coimbra, Tiufado,
Pagens d'armas, e Bispo, ouvi-me todos:
Accuso a esta Moira de adulterio;
E morra impenitente.
D. SISNANDO.
Quem ousado
Sem próvas accusar n'este conselho
Tem de vêr-se co' a ponta d'esta espada. (*Desembainha.*)
Abbade de Lorvão, próva o que dizes.
O ABBADE DE LORVAÕ. (*Tira uma carta.*)
Foi achada esta carta no palacio;
E éda escrava da Moira Cordoveza:
Quereis próva maior. (*Quer dar-lha.*)
D. SISNANDO.
Lê tu.
O ABBADE DE LORVAÕ. (*Lê.*)
« Senhora,
« Virgem bella de Cordova, uma hora
« Depois da meia noute o teu amante
« Aben-Jacob virá de sob os Paços
« Fallar-te á gelosia; e pela porta
« Falsa t'o levarei. — Escrava Záira. »
D. SISNANDO. (*Pega na carta.*)
E é só esta a próva?
O ABBADE DE LORVAÕ.
A sentinella,
Que rondava de sob a gelosia,

Vio um vulto depois da meia noute;
Bradou-lhe, e appellidou por quatro vezes;
E o vulto aniquilou-se de repente
Junto da porta falsa.

D. Sisnando. (*Rasga a carta.*)

Dom Sisnando
Faz isto a próvas taes. — Eu disse ha pouco
Que todo o que atrevido em meu conselho
Accusasse sem próvas, co'esta espada
Tinha de vêr-se o vil. — Tu accusaste
Sem próvas esta virgem. Eia, ajoelha,
(*Espada erguida.*)
Roga a Deos por tua alma, que te mato.

O Abbade de Lorvaõ.

Roga tu pela Moira, que a perdeste.
Senhores! escutai-me inda de novo:
Torno a accusar a Moira de adulterio.
— Dom Sisnando, se um ferro de Agarenos
Lhe encontrares no seio co'este distico:
« POR OMEIADES CONTRA DOM SISNANDO. »
Que dirás tu da Moira?

(*A Virgem tira o punhal do seio, e vai lançal-o aos pés do Conde.*)

D. Sisnando.

Que innocente
Vem depôl-o a meus pés. — Eia, ajoelha,
Roga a Deos por tua alma, que te mato.

O Abbade de Lorvaõ.

Roga tu pela Moira, que a perdeste.
— Senhores! escutai-me inda de novo:
Torno a accusar a Moira de adulterio.
— Dom Sisnando, que próva necessitas
Para creres meu dito? — Se lhe vires

O retracto do Moiro, amante d'ella,
Occulto sob a cruz entre os dous seios,
Que dirás tu da Moira?

D. Sisnando.

Que era adultera
Diria se tal visse. — Quero agora,
Infame, confundir-te. — O meu retracto
Jaz alli ha tres annos. *(Aponta para o seio da Virgem.)*

O Abbade de Lorvaõ.

Dom Sisnando,
Disseste que era adultera esta Moira,
Se o retracto do Moiro, amante d'ella
Lhe encontrasses occulto entre os dous seios.
Juro que o tem alli, esse retracto. *(Aponta para o seio da Virgem.)*

D. Sisnando.

Abbade! perjuraste: — hei de punir-te
Com dobrado castigo. Virgem bella,
Confunde-os, amostrando-lho.
(A Virgem tira o retracto do seio; e D. Sisnando vai pegar n'elle sem o ver, e amostra-o em roda com ar ufano.)

É o Moiro?

D. Nuno. *(Fictando-o.)*

É o Moiro.

O Abbade de Lorvaõ.

É elle.

Alguns Ricos-homens.

É o Moiro.

D. Sisnando.

Que dissesteis?!!!
(Olha para o retracto; faz um gesto de espanto; e fica em uma violenta agitação. — A Virgem mal tem fi-

ctado o retracto cáe de joelhos, e fica com as mãos erguidas, e olhando para o céo com ar de verdadeira afflicção. Dom Sisnando olha severamente para ella; vai furioso ao outro lado do theatro; arranca d'um punhal; põe o retracto sobre a mesa; — e crava-lhe o punhal no meio de sorte que saltem pelo chão os pedaços da medalha, e o ferro fique enterrado na mesa até ao cabo. — Vem depois com a mão nos cópos da espada, que desembainha pouco a pouco até ao meio, caminhando vagarosamente para a Virgem; — olha para ella, que está de joelhos; larga de repente a espada, que se embainha por si; aperta o peito com os braços; e sáe arrebatadamente, gritando com voz espantosa:

Ai! de mim!!.. Ai! de mim!!!

(Os circunstantes fazem todos um movimento, como para seguir o Conde. D. Nuno de Lara, caminha para D. Ruy Dias, estende-lhe a mão, e diz:)

D. Nuno.

O promettido

É divído.

D. Ruy Dias.

E é pago,

(Dão as mãos; e separão-se subitamente, dizendo:)

D. Nuno, e D. Ruy Dias.

Até á morte.

Fim do Segundo Acto.

III.

Os Ciumes.

Mon corps faible en tes bras tant de fois soulevé,
A tes pieds se meurtrit, rampant sur le pavé;
Veux-tu mon sang? — mes jours? — Prends mon
sang, — prends mon ame,
Ouvre avec ton poignard ma poitrine de femme,
Que j'y sente mon coeur entre tes mains broyé,
Et je souffrirai moins que je souffre. — Oh! pitié!!

Alex. Dumas. — Christine Act. 1.er Sc. III.

DECLAMADORES.

A VIRGEM DE CORDOVA.

O PORTEIRO.

O CARRASCO.

UM PAGEM.

D. SISNANDO.

D. NUNO.

O BISPO.

D. RUY DIAS.

D. EGAS.

OSMAN.

COMPARSAS.

MONGES.

RICOS-HOMENS.

CAVALLEIROS.

ESCUDEIROS.

PAGENS.

A Scena é nos Carceres de Coimbra.

É no fim da tarde.

ACTO TERCEIRO.

(Um carcere no Castello de Coimbra. Porta de ferro no fundo. Vê-se por ella uma comprida abobada, cujo extremo se perde na escuridade. — A' direita (*do Actor*) está uma mesa coberta com panno preto; e sobre ella um grande Crucifixo de páo encostado á parede, e dous castiçaes com duas vellas accêsas. Junto da mesa está uma cadeira, para o lado interior da Scena. — A' esquerda outra mesa; e uma cadeira junto d'ella, para o lado exterior.)

SCENA PRIMEIRA.

A VIRGEM, *só*, *e o* PORTEIRO *de fóra*.

(*A Virgem está sentada, com o braço, e a cabeça reclinados sobre a mesa. — Ouve-se do lado da abobada tocar tres vezes uma Trombeta. — Ao segundo toque a Virgem levanta a cabeça como para escutar. — Depois ouve-se bradar o Porteiro por esta fórma:*)

O PORTEIRO. (*De fóra.*)

« SEntença contra a filha dos Omeiades,
« Adosinda, mulher de Dom Sisnando.
(*A Virgem ergue-se, e vem escutar ao fundo do Theatro; — e a voz continúa.*)
« Nós todos, Tiufado, Ricos-homens,
« Abbade de Lorvão, Bispo de Coimbra,
« Conegos, e Cavalleiros, — em conselho,
« Por elRei de Leão, Fernando Magno,
« E com approvação de Dom Sisnando,
« Conde, e Alvacir de Coimbra, — condemnamos
« Dona Adosinda, filha dos Omeiades,
« De traição, e adulterio convencida,
« A ser queimada viva em praça pública.

...

A VIRGEM DE CORDOVA.

Ai! de mim!.. Ai! de mim!..

O PORTEIRO. *(Continúa.)*

« Porém olhando
« Aos poucos annos seus, e á qualidade
« De Condeça, e mulher de Dom Sisnando,
« Será morta em seu carcere: — e outorgamos-lhe
« A escolha de punhal, ou de veneno.
« E morra para sempre; — e em todos fique
« De eterna execração eterno exemplo. »

A VIRGEM DE CORDOVA.

(Vem caír de joelhos, e quasi sufocada defronte do Crucifixo.)

Sancto filho de Deos! Christo! — Piedade!!
A Virgem Cordoveza é pura ainda,
É puro o coração, que aqui palpita,
Minha alma é pura. — Deos tres vezes sancto!
Não me punas sem crimes. — Ah! se os tenho,
É pouco andar sem patria pelo mundo,
Perder um throno, um Pai, um Dom Sisnando,
Minha reputação perder com tudo!?
— Olha, Nume celeste, só tres annos
Apoz tres lustros conto de existencia:
E queres-me roubar tão cedo a vida!?
Hei de ir á campa sem provar um riso,
Sem a sombra gozar d'uma ventura!?
— Sancto filho de Deos, por tuas chagas,
Por teu Pai, tua Mãi, peço por tudo;
Sancto filho de Deos, Christo! piedade!...

(Sente-se outra vez tocar a trombeta, e bradar o Porteiro, já muito distante. — A Virgem ergue-se.)

Ai! de mim! A que nume ousei pedil-a!
Que é do nume, que adoro?!... Miseranda!

Mafoma foi a crença do meu berço;
Mafoma, abandonei-o rebelada.
Christo foi só meu Deos por Dom Sisnando;
E Christo co'elle, ai! triste! me abandona.
Viuva, e orfãa, sem abrigo, e patria,
O Deos, o proprio Deos me foge d'alma.
Ai! de mim! Ai! de mim!...

(Sente-se abrir a porta de ferro.)

Que estrondo é este!...
Misera!... é o meu algoz, que se aproxima.
— Se nem homens, nem ceos de mim se dóem,
Vinde, ó tigres da Hircania! ouvir meus prantos,
Que haveis de vos doer... Ai! tão azinha
Passar da vida á morte!... Tão azinha
Ser comida dos vermes do sepulchro!...
— Idêa tenebrosa, que me matas!...
Ai! misera de mim!

(Senta-se na cadeira da esquerda.)

SCENA II.

A VIRGEM DE CORDOVA, O CARRASCO, UM PAGEM.

(O Pagem traz uma almofada de veludo negro. — Sobre ella vem o punhal, que Osman deu á Virgem no primeiro Acto, — e um frasco de prata com gargalo estreito no meio, que o divide em duas partes iguaes.)

O CARRASCO.

Dona Adosinda,
Envia-te Sisnando este presente.
Escolhe: — ou engulir esse veneno,
Ou fenecer cravada n'este ferro. *(Punhal erguido.)*

A VIRGEM DE CORDOVA.

Sancto nome de Deos!... Ai! deshumano!
Deixa-me, tigre, deixa-me.

O CARRASCO.

Senhora,
Não se illudem decretos de Sisnando:
É sua espada um cunho inexoravel;
E a missão, que nos deu, foi por tal guisa,
Que um instante de mais é morte certa.

A VIRGEM. *(Ergue-se.)*

Diz-lhe que é um cruel, um deshumano,
Um barbaro sem alma, e sem entranhas,
Que me mata innocente.

O CARRASCO.

Eia, Senhora,
Este Pagem, que vês, vai dar-lhe conta
De meus passos, e vozes. — Quer Sisnando
Que, se o ferro escolheres, por tres vezes
No coração t'o embeba, — e que lho leve,
Nesta almofada tinto de teu sangue,
Intacto ainda, e quente. — Se o veneno
Escolheres, metade deste frasco
Has de beber sómente, até ao sitio,
Que vês estreito: o resto hei de levar-lho.
E quer mais que de negra côr de lucto
Signale o ponto, onde tocou teu labio.
Tudo isto em meia hora. — Eia, decide,
Ou veneno, ou punhal.

A VIRGEM DE CORDOVA.

O' Ceos! que nova,
Que nova me trouceste! Eil-o, é o mesmo,
O punhal, que lhe dei; — lá tem o distico:
« POR OMEIADES CONTRA DOM SISNANDO. »

Ai! de mim! Nunca tal condão se cumpra...

O Carrasco. *(Punhal erguido.)*

O veneno, ou o punhal?

A Virgem de Cordova.

Espera, ... espera.

(Tira um annel do dedo.)

— Olha, verdugo, vês este diamante?
Vale tanto, que pódes sustentar-te
Com elle toda a vida. — Olha, no peito
Vês esta cruz? Tamanha tem valia,
Que déra para erguer quatro palacios:
Tudo é teu, se uma graça me fizeres.
A vida não t'a peço, que não quero
O que o Conde não quer; porém promette
Que depois de cravar-me co'esse ferro
Não levarás o sangue a Dom Sisnando,
E esse veneno enterrarás.

O Carrasco. *(Aponta para o Pagem.)*

Senhora!

A Virgem. *(De joelhos, ao Pagem.)*

Por teu Pai, tua Mãi, se os tens ainda,
E se tens coração, por tua amante,
Deixa fazer o Algoz o que lhe peço,
E cala tudo ao Conde. — Bello Pagem!
Tu és mancebo ainda para tigre;
Ah! faz o que te peço.

O Pagem.

Esta cabeça
Respeita muito a espada de Sisnando,
Para illudir-lhe as ordens.

A Virgem de Cordova.

Mas tu pódes
Dizer que elle fugio.

O Carrasco.

Não póde nada.

Fugir não é palavra, que se diga
Ao Alvacir de Coimbra: — se fugissemos,
Iria nos infernos procurar-nos,
E apunhalar-nos lá. — Eia, senhora;
Decide, ou eu decido. *(Punhal erguido.)*

A Virgem de Cordova.

Antes veneno . . .
Mas que disse! . . . Ai! de mim! . . .
(Pega no frasco, que lhe offerece o Pagem.)
Não tenho forças . . .
(Pousa o frasco sobre a mesa.)
Morrer! . . . ó ceos! . . . morrer! . . . Eu desfaleço.
(Desmaia sobre a cadeira da esquerda.)

O Carrasco.

Tristes de nós, se a hora ultrapassamos!
— Senhora! torna a ti, bebe o veneno . . .
Já sou réo ante o Conde. Pagem d'armas,
Só resta um meio: enterro-lhe nos peitos
Este punhal, e corro a Dom Sisnando.

O Pagem. *(Suspende-o.)*

Tal não consentirei. — Dona Adosinda!

O Carrasco.

Chamal-a em vão, senhor. Passão-se as horas;
No dilate as cabeças arriscamos;
E a espada do Alvacir córta sem pejo.
Cravêmol-a. *(Punhal erguido.)*

O Pagem. *(Suspende-o.)*

Jámais.

O Carrasco.

Morres, se impedes.

D. Sisnando.

(De fóra, com voz terrivel.)

Pagem d'armas! Carrasco!

O Pagem, e o Carrasco.

Miserandos! ...

(Depõe sobre a mesa a almofada com o punhal, e o frasco; — e sáem perturbados.)

SCENA III.

A VIRGEM DE CORDOVA, *desmaiada*, D. SISNANDO, D. NUNO, D. EGAS, O BISPO, MONGES DE S. BENTO.

(Sente-se para o lado da Abobada estrondo de portas de ferro, que se abrem, e fechão, — rojar de espadas vagarosamente pelo chão, — passos graves, e pausados, que se aproximão do carcere, — e o tintinar cadenciado d'uma campainha: — depois começa a apparecer um clarão baço pelas abobadas; e a orchestra executa uma marcha funebre. — Vão entrando vagarosamente duas alas de Monges de S. Bento, de cruz alçada, com brandões de cera amarella nas mãos, arrastando as suas vastas cogulas negras; e tomão os lados do Theatro. — Seguem-se mais oito Monges cobertos de compridas Alvas, e trazendo aos hombros duas tumbas com panno de veludo negro por cima: vão colocal-as aos dous lados da Porta do fundo; e ficão detraz dellas, em pé, braços cruzados, rosto inclinado para a terra. — Depois entra D. Sisnando, capa curta negra, descoberto, o cabello descomposto, — palido, e desfigurado; — caminha mui de espaço, braços caídos, olhos baixos, como meditando profundamente: — ao passar pela Virgem leva a mão ao peito, solta um profundo suspiro, e continúa para o lado opposto. — Seguem-se D. Nuno, o Bispo, e D. Egas, olhos no chão, braços cruzados; — ficão no fundo, diante da porta. — A orchestra pára.)

D. Sisnando.

(Depois de fazer signal a D. Nuno para que se aproxime: — voz baixa, e pesada.)

Senhor Dom Nuno, pensas que Coimbra

Possa sofrer attaques do Africano
Sem um Conde, que a reja?

D. Nuno.

Não, por certo.

D. Sisnando.

E a quem julgas capaz de tão difficil
Custoso encargo?

D. Nuno.

A ti.

D. Sisnando.

Suppõe que morro.

D. Nuno.

Longe fuja de nós o ruim agoiro;
Mas, se nos faltas tu, ninguem encontro.

D. Sisnando.

Encontro eu, Dom Nuno. — A tua espada,
Apezar de cansado, e velho o braço,
Inda o campo não cede a vinte alfanges.

D. Nuno.

Sobeja-me a alma onde minguá a força,
Tenho peito, senhor...

D. Sisnando.

Basta. — Inda ha pouco
Vi 'té onde chegavas. Sim, D. Nuno,
O successor serás de Dom Sisnando,
Serás Conde de Coimbra.

D. Nuno.

Tu deliras!
Tão moço ainda...

D. Sisnando.

Cala-te. Essa Moira
Não era tambem moça? e quantas horas
De existencia lhe dás?... — Senhor Dom Nuno,

Não fallemos de vida, nem de morte:
Um caso é esse, que a Deos só compete,
— Muitas vezes ao ferro dos valentes,
Ao punhal do assassino, e ao timbre algumas
D'um animo esforçado: eu sou esse animo;
E já viste na arena dos combates
Como sei fraquear. — Senhor Dom Nuno,
Não fallemos de vida, nem de morte;
Fallemos de perdão. Devo, e bem certo,
A tão godo, e valente cavalleiro
Satisfação de injurias mal pensadas.
Insultei-te, Dom Nuno; os Ricos-homens,
Tambem os insultei, . . . e sofro agora . . .
Peço a todos perdão; — e vê que o peço
Com um pé sobre a tumba, — e a vez primeira,
— E a ultima da vida.

D. NUNO.

Senhor Conde,
Ah, quem não perdoára em tal momento! . . .

D. SISNANDO.

Perdoaste-me . . . Basta. — Agora vai-te.
A justiça, e dever, Conde de Coimbra,
Lembrar-t'os eu — fôra insultar Dom Nuno.
Retira-te.

D. NUNO.

Senhor, é livre a um Godo
Dispôr de vida, e sceptros; — que no peito
Nos poz o ceo taes animos, que a honra
É tudo para nós, e o mundo é nada.
— Eu godo tambem sou; — despreza a vida,
— Que eu desprezo o Condado, que me off'reces.

D. SISNANDO. (*Austéro.*)

Senhor Dom Nuno . . .

D. Nuno.

Espera, Senhor Conde;
E seja-me ora dado impôr silencio
A quem m'o impoz outr'ora. — Dom Sisnando,
Não posso no governo succeder-te:
— O Campeador venceo-me n'um duello;
E tu foste invencivel. — Dom Ruy Dias
Val por dous como eu: — caío-me a espada;
E appresentou-me a sua: — o Elmo d'oiro,
Abrio-m'o em dous; e respeitou-me a calva.
— Quem obra feitos taes merece um reino,
Quanto mais um Condado.

D. Sisnando.

E quem os narra
Em menospreso seu, e prol alheio,
Tenha um Condado á mingua d'um imperio.

(Pega-lhe na mão, e appresenta-o aos circunstantes.)

Saudai, senhores, o Alvacir de Coimbra,
O successor do invicto Dom Sisnando.

(Todos fazem reverencia a D. Nuno.)

D. Sisnando.

(Traz o Bispo pela mão á boca do Theatro.)

Bispo, sou máo christão; contra a lei sancta
Arranco a alma do corpo. — Tenho joias,
Oiro, e terras, e galas, que vendidas
Dão para sustentar quatro mil pobres,
Dez Mosteiros fundar; — e o que sobeja,
Dize-o em missas pela alma de Sisnando;
E dá-me o teu perdão.

O Bispo.

Conde de Coimbra,
Jámais consentirei, que tal delicto
Manche tão bello Godo: a alma catholica

Perde o ceo co'o suicidio.

D. Sisnando.

Ha doze horas
Que está no inferno a minha.

O Bispo.

Senhor Conde,
Perder por uma adultera a existencia
É de vil rufião; — e perder alma
É de impio; e Dom Sisnando não é impio.
Pensa; e ganhas o ceo.

D. Sisnando.

Quem doze horas
Gastou em distilar este veneno,
E em affiar a ponta d'este ferro
Tenções não muda, e vive já no inferno.

O Bispo.

Quiçá t'as faça alguem mudar. O Cide
A Dom Nuno venceo em campo d'honra;
E jurou sobre a cruz de cavalleiro
Salvar Dona Adosinda, e Dom Sisnando,
Ou morrer como um bravo.

D. Sisnando.

(Põe a mão sobre o Crucifixo, que está sobre a mesa.)

E eu tambem juro
Com as mãos n'esta imagem do Deos vivo
Que antes vereis Mafoma unido a Christo
Que Dom Sisnando vivo dez minutos.

(Aos Monges.)

Monges, ide á capella deste carcere,
Rogai a Deos por duas almas nobres,
Que antes de uma hora hão de perder as vidas.
— Voltai depois; — e o que estiver nas tumbas,
Levai-o sem o ver ás sepulturas,

Que ordenar Dom Paterno. — Senhor Bispo,
Quero da Cathedral no altar primeiro
Dous magestosos tumulos soberbos
De precioso marmore. N'um delles
O brasão dos Califas em remate,
Cortado pela espada de Sisnando.
— N'outro um punhal, e um distico por baixo:
« OU TUDO, OU NADA. » E de bronze o escudo,
E o distico de sangue. (*) — Em torno da Eça
Quero oitenta brandões de branca cera
A arderem por tres dias; — e gran pompa
Em todo o funeral, que igualar deve
Os dos reis meus avos, e os dos Califas.
— Dom Egas, quero só fallar comtigo;
E vós todos, senhores, retirai-vos.

(*) O tumulo do Conde D. Sisnando estava debaixo d'um sumptuoso arco de pedra dentro da velha Cathedral de Coimbra. — Já lá não existe o arco, nem o tumulo, nem vestigios do sitio onde estiverão. — Ignora-se a razão porque se demolio o mais antigo monumento sepulchral dos que ha memoria existissem dentro d'aquelle templo: é porém de suppôr que a sua destruição date do reinado de D. Affonso III, em cujo tempo se deu uma nova fórma ao interior da Igreja. — As cinzas do Conde jazem actualmente em um caixão de pedra calcaria oblongo, abaûbado, de 44 pollegadas de comprido, 29 de alto, e 28 de largo, encostado ao lado exterior da parede da Igreja, junto á quina Occidental, sustentado por um apoio de pedra de um lado, e pelo pedestal do cunhal do outro. — Na face externa do monumento lê-se esta inscripção em letra Alemã minuscula:

Aqui jaz hum que em outro tempo foi grande varom
Sabedor e muito eloquente avondado e rico e agora
He pequena cinza ençarada em este moimento
E com el jaz um seu Sobrinho dos quaes hum
Era já velho e outro mancebo e o nome do Tio
Sesnando e Pedro havia nome o sobrinho

Os caracteres Alemãos, e o estilo, que indica versão do latim, confirmão a época da trasladação. — Por debaixo do monumento está aberto na parede o sitio de uma lapida, que o tempo carcumira, ou alguem arrancára: — era talvez a lapida do tumulo demolido, trasladada para alli com as cinzas de D. Sisnando.

SCENA IV.

D. SISNANDO, D. EGAS, A VIRGEM DE CORDOVA.

(Desmaiada.)

D. Sisnando.

Meu Dom Egas, tens tu valor bastante
Para unir o teu seio ao d'um finado,
Chegar ao coração um réo de anathema,
Abraçar um espectro?... falla, amigo....
— Esse silencio diz que sentes n'alma
Os tranzidos, e a dôr de Dom Sisnando.
— Inda ha no mundo um seio, que se dôa
Do Anathema de Coimbra. — Ah! meu Dom Egas,
Deixa-me repousar n'esse teu peito
Frágoas crúas do meu.

(Encosta-se a D. Egas; e desce, abraçado com elle, pela scena.)

Apoia, amigo,
Apoia um corpo tão valente outr'ora,
E agora tão caduco. — Olha, Dom Egas,
Erão os meus anhelos n'esse mundo
Achar um ente, uma mulher, um anjo,
A quem nos dias máos da minha vida
Assim viesse encostar-me; — e consolasse
Com um seio de fogo os gêlos d'alma...

(Solta-se furioso dos braços de D. Egas.)

Sabes o que encontrei? Sabes, Alferes?!
— O rochedo mais crespo, mais gelado
De quantos mão do Eterno unio á terra;
O Tigre mais indomito, e raivoso
Dos torrados sertões da Libia ardente;
A vibora mais negra, e venenosa

Do Africano torrão ... — Olha , Dom Egas ,
É este o resultado. Vês , amigo ? ...
Conheces estes olhos , ... esta face , ...
Esta mão , ... este peito ? ? ... Se já viste
A furia da vingança , do remorso ,
Do ciume , e da raiva , não divisas
Tudo isto aqui ??... *(Sobresalto , e furor.)*
— Não sentes pela abobada
Um grito furibundo !? ... Pelo abysmo
Não ouves d'echo em echo repetir-se
O brado das vinganças !? . . Não divisas
Um vermelho punhal luzir nas trevas ! ? ...
Não distingues em torno de nós ambos
Um circulo de sangue, e de cadaveres ! ? ...
— Além , além , na estancia dos sepulchros ,
Não vês despedaçar-se aquella campa ,
E um fantasma surgir de féro aspeito ,
Livida fronte , catadura horrenda ,
Gigantesco, feroz, medonho , immenso ,
Prolongar-se , crescer , tocar as nuvens ,
C'o dextra ingente arrepelando os astros ,
E c'o rigido pé calcando abysmos ;
— E nos dentes, nos dentes furibundos
Morder , trincar , com horrido tregeito ,
Os palpitantes membros d'uma victima ;
— E c'os olhos em alvo , irto o cabello ;
A arquejar , a tremer , lançando espuma ,
E sangue da impia fauce , co'a mão fria
Travar-me , erguer-me ás nuvens , e ao ouvido
C'o accento sepulchral bradar : « Vingança ! ...
« Vingança ! ... » — E precipita-se n'um tumulo ;
— E subito se esvae entre as ossadas ,
E o pó negro das campas : ... e lá sinto , ...

Lá sinto ainda ao longe pelo abysmo,
De sepulchro em sepulchro, e d'echo em echo,
Um confuso rumor bradar: « Vingança!...
« Vingança!.!..» —Esconde... esconde-me, Dom Egas...
Não quero vêl-a,... não... — Eil-a já morta,...
Eil-a aos meus pés, ... ensanguentada,... livida,...
Solta a madeixa, o seio descoberto,
C'um punhal enterrado nas entranhas,
A revolver-se com seu proprio sangue,
E nas ancias da morte inda a bradar-me,
Com a voz divinal, que amei já tanto,
E estendendo-me os braços: « Ah!... piedade!...
« Piedade!...» — O' meu destino tão maldito!
Maldito o ventre, onde provei a vida!!
Maldito o que creou minha alma negra!!!
E contra o mundo, o inferno, e o ceo, vingança!
E mil vezes vingança!!... (*Desfalece sobre a cadeira.*)

SCENA V.

OS MESMOS, E D. RUY DIAS.

D. RUY DIAS. (*Do Portico.*)
Dom Sisnando!...

D. EGAS. (*Indo a D. Ruy.*)
Suspende-te, senhor: tua alma grande
Teu coração sensivel, e brioso
Homenagens, e pranto ás mágoas devem
Do que alli vês, açoite de Agarenos,
Ora quebrado d'animos, e exsangue
Apoz duro luctar. Dom Ruy, ausenta-te;
Nem venhas insultar fraqueza unica
Apoz vida tão rica de façanhas,
Gentilezas, e brios.

D. Rúy Dias.

Minha espada
Nunca insultou, punio; — minhas palavras,
A honra as dicta só. — Pela innocencia
O sangue destas veias barateio,
E o fio d'este ferro. — Pela Virgem
Arrisco mais: baratearei orgulhos,
Que sobrados tambem os tenho n'alma.
Levanta-te senhor Conde Sisnando,
Não te venho insultar, venho pedir-te;
E sóe regradas vezes tal palavra
Tocar do Cide os labios orgulhosos.
Tranquilliza tua alma consternada;
E escuta-me, senhor.

D. Sisnando.

(Ergue-se; e affecta uma extrema firmeza.)

Estou tranquillo...
E que ha no mundo, ahi, que abalar possa
A intrepidez do Conde Dom Sisnando?

D. Ruy Dias.

Mas teu peito a arquejar vacilla, e treme...

D. Sisnando.

Eu tremer! E de que?

D. Ruy Dias.

E aquella Dama...

D. Sisnando.

E este punhal, Dom Ruy...

D. Ruy Dias.

Conde de Còimbra,
Não tens tu uma esp'rança?

D. Sisnando.

Tenho.

D. Ruy Dias.

Aonde?

D. Sisnando.

(Designa uma das tumbas.)

Debaixo d'este panno.

D. Ruy Dias.

E a quem na arena
Em nobre lide batalhára intrepido,
E ganhára um trofeo em prol da Virgem
Não falla Deos pelo trofeo ganhado,
Em favor da innocencia? e...

D. Sisnando. *(Aspero.)*

D. Ruy Dias!
Ausenta-te.

D. Ruy Dias.

Senhor!...

D. Sisnando.

Vai-te.

D. Ruy Dias.

E prohibes-me
Um sincero dizer? E gabas-te ainda
De generoso, e bravo!?

D. Sisnando.

E tu disputas-me
O do infeliz allivio derradeiro,
O de expirar em paz! e te appellidas
Brioso Campeador?!

D. Ruy Dias.

Conde de Coimbra!
Negarás a Dom Ruy a graça extrema
Da extrema despedida?

D. Sisnando.

Falla, amigo.

D. Ruy Dias.

É o brado fiel d'um coração brioso,

Que, afrontando soberbas, e transportes,
Impavido correndo, vem trazer-te
Verdades, e razões ao fundo d'alma.
— Senhor, quando da Hespanha pelos prainos,
Sobre um baio Andaluz, á nossa frente,
A viseira caída, a lança em ristre,
O Gothico brasão no escudo alçado,
C'os de Mafoma intrepido arrostavas;
Quando ías dar em holocausto á patria
Braços, e coração; e em campo livre
Appresentavas por muralha o peito
Em prol dos teus ao cortador alfange;
Quando da lança em fio te manavão
Rios de sangue em desigual peleja;
E co'a ponta da espada victoriosa
Exercitos, e c'roas dissipando,
O raio de infieis te appellidavão,
— Eras, senhor, um homem, um soldado,
Eras um Godo então, e quasi um Nume.
— Mas hoje, que da mão grande, e valente
Deixas caír a espada dos combates
Para empunhar um ferro de assassino;
Hoje, que te acobardas, e te humilhas
A lastimar desprezos de uma adultera,
(Dizes tu, bem que o feito te desminta,)
E da gloria o verdor cobarde fanas
Com prantos femenís, e com fraquezas;
Hoje o mesmo não és invicto Conde,
Alvacir valoroso, e Dom Sisnando;
E o mundo, que até'qui — soberbo, e grande
Além te vio de grandes, e soberbos,
Ora te vê pequeno como os homens,
Depondo, humilde, orgulhos, e grandezas
Aos pés d'uma mulher.

D. Sisnando.

Não mais, ó Cide,
Não mais, que essas palavras me assassinão
Com farpa de dous gumes a alma negra,
E o já estanque, assassinado peito.
— Vergonha infinda cáia, oprobrio eterno,
Eterna maldição em quem no mundo
Um dia acreditar nas vãas palavras
De ternura, de amor, e de constancia
Por labios femenís pronunciadas!
Vergonha eterna em quem ousar um dia
Lanças quebrar em justas, e torneios
Pela honra da mulher! Vergonha eterna
Em quem disser por bôcca, e labios d'homem:
« Esta foi-me fiel. » — Diga-o na arêna,
Diga-o no throno, diga-o sob um tumulo;
Lá mesmo irei, a lhe bradar que mente,
E a arremeçar-lhe a luva do duello.
— Campeador! amas tu alguem? Responde.
Se amas, vai lá; enterra-lhe uma espada
Direita ao coração; e não receies
Matar uma innocente; — é sangue adultero
O sangue da mulher, que derramáres:
— Dormida seja embora, embora esteja
Resando aos pés do altar; — lá mesmo é falsa;
Porque falsas são todas; — e de todas
Se os negros corações juntar podesse,
Com mão de ferro em brasa os esmagára,
Arrastando-os comigo além do tumulo
Em holocausto no Anjo dos infernos...

(*Encosta-se a D. Egas, abraçando-o. — Voz sumida.*)

Sustenta-me, sustenta-me, Dom Egas,
Sustenta-me, que já vigor não tenho;

Coalhado, e morno me parou nas veias
O sangue, que girava; já nem bate
No peito o coração agonisante;
Já tudo se acabou. Ter um desejo,
E não poder cumpril-o, vale a morte
Para o Conde de Coimbra; ter orgulho,
E ver-me assim burlado, vale o inferno.
— Inferno, e morte pois, e acaba tudo!
Retirai-vos, senhores.

D. Egas.

Senhor Conde...

D. Sisnando.

Retirai-vos.

D. Ruy Dias.

Senhor!...

D. Sisnando.

Vês este ferro?
Vês esta mão? É a mão de Dom Sisnando:
O que ella emprehendeo n'esse universo,
Ou ha de conseguil-o, ou vai de rôjo
Com ella Dom Sisnando á sepultura.
É este o meu condão: « OU TUDO, OU NADA. »
— Emprehendi achar fidelidade
De uma mulher no coração vendido;
Succumbi na contenda, estou já morto.
Escusadas são lagrimas, e rogos;
Força, e poder não ha por toda a terra,
Que este punhal me arranque d'entre os dedos,
Ou me tire do peito esta agonia.
— Campeador, vê que tenho a dextra armada,
E que somos tres victimas. Retira-te.

D. Ruy Dias.

Dom Sisnando, não mais. — Essas palavras

Calão o meu dizer ; — e o triste estado,
Em que te vejo, prende na bainha
Do Campeador a espada victoriosa.
— Dom Egas, retiremo-nos do carcere,
Ao gothico salão segue os meus passos ;
E crê em Deos, em Christo, e São Thiago,
Que o Conde salvaremos d'este lance.

D. SISNANDO. *(Fóra de si.)*

Retirai-vos, senhores! retirai-vos.

SCENA VI.

D. SISNANDO, E A VIRGEM. *(Desmaiada.)*

(D. Sisnando cerra a porta violentamente, e corre o ferrolho por entre as argolas de ferro, que o sustentão ; — vem depois ao meio do Theatro, brande o punhal, e vai craval-o na mesa da direita. — O ferro enterra-se pela mesa até aos copos.)

D. SISNANDO.

Como é valente a ponta d'este ferro!
(Arranca-o, e examina-o.)
« POR OMEIADES CONTRA DOM SISNANDO. »
(Torna a craval-o na mesa ; — extatico um instante ; — e diz depois :)
Deos dirá contra quem ...
(Arranca o punhal da mesa, dá dous passos para a Virgem, e suspende-se.)
— Mas quero vel-a.
Olhos, que outr'ora em pranto debulhados
Languida vassallagem de ternura
Lhe rendião saudosos, ora sêccos
Hão de encaral-a austeros no mui rapido

Lampejo derradeiro da existencia.

(Pega em uma das vélas, que estão sobre a mesa, e caminha para a Virgem.)

Quero ainda vel-a, sim, . . . quero saciar-me,
Quero engulir, tragal-o até ás fezes,
O calix amargoso dos ciumes . . .

(Chega ao pé da Virgem.)

— Ai! de mim! ai! de mim! que inda é formosa!
Ainda aquella face, aquelle seio
Tem encantos aqui, *(Mão no peito.)*
— que me assassinão,
Que me matão de amor.
(Põe a véla sobre a mesa.)
— O' natureza!
Porque escondeste em cofre tão formoso
Alma tão negra, e feia? . . . Miserando!
Homem! ah! quanto és fraco sobre a terra!!
— Coração, que arrostou o aspecto ingente
De gigantes, e moiros, e castellos,
Sofrer não póde o aspeito imberbe, e fragil
D'uns olhos meigos, d'uma rosea face,
D'um seio arfando niveo. Braço forte,
Que, rechaçando centos de falanges,
Quebrou sessenta lanças n'uma hora,
E oito maças ergueo de rijo bronze,
E ficou como d'antes, hoje tremulo
Nem se atreve a empunhar o debil ferro
Da arma diminuta dos cobardes . . .
— Mulher! mulher! abysmo de venturas,
E de dôres, e prantos! largo Oceano,
Onde o homem navega apoz delicias,
E volta ao porto naufrago, e quebrado,
Perdendo tudo lá! pego de rosas,

De musgo, e mel, tão liso como o leite,
Onde a vida risonha escorregando,
Boqueirão infernal submerge subito
Descuidado baixel; — e o riso é pranto!...
— Poz-te o ceo sobre a terra para allivio
Das mágoas da existencia? ou poz-te o inferno
Rochedo sepulcral nos risos d'alma?...
— Mulher! mulher! que és tu n'este universo?
És anjo, ou furia?... *(Ergue o punhal.)*
És furia...

(Vai a craval-a, e suspende-se.)

— Miserando!...
Ai! placidos momentos de ternura,
Que eu gozei ao teu lado!... já morresteis...
— Só não póde morrer minha saudade,
Meus ais, meus prantos. — Talismão de affectos!
Rosa de amor, que te fizeste negra!
Ai! quem te desnegrára !!... *(Pausa.)* Oh! se eu podesse
Alliviar minha alma esmorecida
Do peso da verdade, que me esmaga!...
Uma só vez, uma só vez ainda,
Um instante sequer vel-a qual dantes
Innocente, e singela, e meiga, e pura;
E unil-a ao coração; e entre carinhos
Chamál-a assim do nome das ternuras:
Adosinda! Adosinda!...

(Vai para ella com os braços abertos, e suspende-se ao ver que ella dá um pequeno estremeção.)

— Dom Sisnando!
Queres beijar o limo dos infernos!
Queres no entrecalar da vida á morte
Galgar barreira impura de adulterios,
De crimes, e de horrores!!... Luz do Ténaro!

(Pega na véla, que deixou sobre a mesa.)

Lume de maldição! tu foste a causa
D'esta minha fraqueza.

(Arroja-a ao chão, e calca-a aos pés.)

— Morre, morre!

Extinga-se o que póde enfraquecer-me;
Trévas, trévas de horror ceguem meus olhos;
Força as trévas me prestem...

(Torna pare ella com o punhal erguido; e suspende-se.)

— Miserando!

Ou luz, ou trévas, é formosa sempre.

(Lança o punhal á mesa.)

Ai! de mim! Ai! de mim!...

(Arroja comsigo á cadeira da direita.)

A VIRGEM DE CORDOVA.

(Como acordando de um sonho.)

Que som canóro...
Me chama á vida!... Onde estou?!... Que é d'elle?!...
Quem pronunciou meu nome de ventura?!...
Meu Deos!... *(Ergue-se.)* Que negras, que pesadas trevas!
Onde estou eu?!... Memoria adormecida,
Que me recordas tu?... — Erão dous monstros,...
Um veneno,... um punhal...— Mas eu sou viva;
Sería sonho?!... *(Repara no Conde.)*

Mas que vejo!... Ai! triste!...
É espéctro, ou cadaver?!... ceos!... é elle!
Dom Sisnando! meu Conde!...

(Corre para elle, vai a caír-lhe nos braços; e o Conde repulsa-a.)

Tu repulsas-me!...
Ai! já nem me lembrava: — luz funérea
Com tal repulsa esclareceo minha alma.
— Infeliz!... Malfadada!...

(Vai com as mãos nos olhos ao fundo da scena, e tropeça em uma das Tumbas.)

Ceos! . . . que é isto!? . . .

Ai! uma tumba! . . . Ai! outra! . . . — Miserandos! . . .

(Vai examinar o frasco, e o punhal.)

Mas elle é vivo ainda: o frasco é intacto,
O punhal não tem sangue . . .

(Vem á boca do Theatro.)

— Nume eterno!

Salva, salva-nos, ambos.

(Vai ajoelhar ao Conde. — Elle ergue-se, escapa-lhe, e passeia desesperado no fundo do Theatro. — Ella de joelhos com os olhos no chão, julga-o inda sentado.)

— Dom Sisnando!

Por tudo o que ha de sancto sobre a terra,
Por tudo o que ha no ceo juro que esta alma,
Este corpo, este seio são tão puros,
Tão castos, e innocentes, como os anjos.
Enganárão-te, Conde; ah! por piedade!
Livra tua alma de traição tão feia.
— Por teu sorriso brando, quando amavas,
Por tua espada, quando combatias,
Pelo nome formoso de Adosinda,
Quando assim me chamavas, Dom Sisnando!
Acredita na Virgem Cordoveza,
Que nunca te enganou; poupa-me, poupa-me:
Ai! e se me não poupas, vive ao menos;
Fio tão lindo, não t'o segue a Parca . . .
— Tu não respondes, Conde?! . . .

(Levanta os olhos, vê que não está na cadeira, e ergue-se afflicta.)

Mas que é d'elle?! . . .

. . .

Quem m'o roubou ?!... ai! triste! era um espectro...
Era uma sombra... já morreo, ... e eu vivo...
Ai! de mim!... ai! de mim!... eu desfaleço...
Ardente febre o sangue me encendeia...
Dom Sisnando!.. meu Conde!.. eu morro,.. eu morro...

(*Cáe desfalecida na cadeira, em que esteve o Conde; torna a si ás primeiras palavras d'elle; fica em uma afflicção cruel; ora quer fallar, ora se ajoelha, ora esconde o rosto com as mãos.*)

D. Sisnando.

(*Vem para ella furioso.*)

Embusteira sem pejo! Moira infame!
Poço de crimes! Onça esfomeada
De corações, de sangue, e de vingança!
Mulher, n'uma palavra! — Antes que as furias
Traguem tua alma peçonhenta, e feia;
— Antes que este punhal, ébrio de raiva,
Vinte vezes cravado n'esses peitos,
Vá na entranha infiel buscar-te a vida,
Trazendo o coração na agúda ponta,
Para o rasgar nas unhas, e trincal-o
Nos dentes sequiosos de vingança;
— Antes que a terra se abra furibunda
Para engulir teus manes; treme, treme,
Que has de ouvir de meus labios vingadores
A negra relação de teus delictos;
— Has de saber o amor, com que te amava;
E quando entre os meus dedos esmagada
A máscara estalar dos teus perjurios,
Ha de entrar o remorso n'esse peito
Enroscado em punhaes por toda a parte.
— Furia! tigre! mulher! quem n'esse mundo
Ousaste preferir a Dom Sisnando?!

Quem se atreveo a competir affectos
C'os affectos ardentes d'este seio?!
Que leão, que gigante ousou na terra
Mais valente paixão nutrir té'gora
Em peito d'homem?!... Falla, tigre! falla;
Quem foi o meu rival??...—Rival!... que disse!...
O' soberba d'esta alma! quanto sofres!...
Ter Sisnando um rival!... eu que no mundo
Não sonhei com ciumes, porque via
Deos tão sómente acima de minha alma,
E abaixo os homens todos!... — Onde existe?
Onde existe esse vil, que me preferes??
Quero mandar ás nuvens este ferro;
Ha de caír a prumo lá dos ares
No coração do vil por mão das furias;
E co'elle n'alma a terra ha de engulil-o
Té ao profundo seio dos infernos:
Hei de encontral-o alli de cara a cara;
Hei de luctar com elle eternamente;
Dous leões, duas viboras, dous monstros,
Dos sec'los inda além jurar, luctando,
Eterna execração, e guerra eterna!

(*Corre furioso ao fundo do Theatro. A Virgem vai atraz d'elle, e segura-o quasi sufocada.*)

A VIRGEM DE CORDOVA.

Onde vás?.... onde vás?...

D. SISNANDO. — (*Repellindo-a.*)

Deixa-me.

A VIRGEM DE CORDOVA.

Ai! triste!...

Blasfemaste, cruel! dentro em minha alma
Entornaste mais fel que tens na tua:
Rival disseste tu! ah! Dom Sisnando!

Rival de ti só o pódes ser tu mesmo,
No mundo mais ninguem. O proprio nume,
O proprio nume é menos aos meus olhos,
Que por ti o deixei. Olha o meu pranto;
Olha sem côr a face desbotada,
Que outr'ora os bejos teus corárão tanto;
Desmaiado de susto o labio afflicto,
Onde risos de amor bebeste outr'ora;
Onde outr'ora teus olhos se revião
A baga a baga lagrimas de morte.
Sisnando! se inda assim não tens piedade,
Dá-me essa dextra, quero unil-a ao peito,
Ha de queimar-te o fogo, que aqui tenho....

(Sempre seguindo o Conde, que corre furioso pelo Theatro.)

Não me attende, ai! de mim!

(Vem ajoelhar á bocca do Theatro.)

Nume celeste!
Salva-o tu, salva-o tu, que eu já não posso.

D. SISNANDO.

(Fica extatico mal a vê caír de joelhos; e vem descendo vagarosamente pela scena.)

Volvei, provectas éras de ventura!
Tempos de amor! volvei; — a nodoa infame,
Que desunio dous seios tão pegados,
Offusque-se um instante. — Assim prostrada
Aos céos orava, quando a vez primeira
Estes olhos a virão... Ah! que o peito
Com tal memoria estala de saudades...

(Vem ajoelhar á bocca do Theatro do lado opposto á Virgem.)

Tres vezes sancto Deos! tu pódes tudo;
O livro da existencia, tu o escreves;

— Ah! tu pódes rasgar-lhe a negra pagina,
Onde gravaste o nosso fado negro.
— Rasga-a, rasga-a, meu Deos! e vão c'os d'ella
Unir-se os braços meus em laço eterno.....

(Fixa um instante os olhos n'ella; e ergue-se furioso.)

Maldição sobre mim!! — Que disse o labio!...
E ella escutou-me, e rio-se de vangloria...
— Orgulhosa mulher! porque os decretos
Do Pagem não cumpriste, e do Carrasco?
Porque não escolheste aquelle ferro,
Ou aquelle veneno?? Porque vives,
Para a dóse dobrar dos meus tormentos??
— Cuidas que os teus encantos inda podem
Algo no seio meu?!.. Que! .. sufocada
Em soluços, e prantos crês vencer-me!!...
Dóe-me tanto esse chôro como á rócha
Dóe a onda, que a bate. — Em pé, senhora;
Responde ao teu juiz, que te interroga:
— Porque razão a escolha recusaste
Do ferro, ou do veneno? Falla, Moira,..
— Porque razão a escolha recusaste?

A Virgem de Cordova.

Escuta-me, Senhor; — é falso tudo;
Fechada esteve sempre a gelosia;
O punhal foi traição do vil escravo;
Da carta nada sei; é falso tudo.
— Crê-me, Sisnando, crê-me, porque eu sofro
Mais o teu duvidar que os meus tormentos.
Crê-me, Senhor, que te amo, que te adoro,
Que te idolatro, Conde, que em ti penso,
Em ti, e em ti sómente: — esse retracto...

D. Sisnando. (*Trava-a pelo braço.*)

Que disseste infeliz!! Nem mais um gesto;

Uma palavra só. — Que duro golpe
Sobre mim . . . sobre ti descarregaste ! ! . . ,
Esse retracto ! . . . E ousas recordar-mo ! . . . .
— Graças te dou , infame , porque n'alma
O já furor cansado me reanimas.

(*Trava-a pelo braço , e agita-a violentamente.*)

Esse retracto ! dizes tu ! . . .

A VIRGEM DE CORDOVA. (*Quasi sufocada.*)

Sisnando ! . . .

D. SISNANDO. (*Agita-a com mais violencia.*)

Esse retracto ! . . E lembras-me o retracto ! . . .
E esqueces o punhal ! . . . Eil-o , senhora . . . .

A VIRGEM DE CORDOVA. (*Sufocada.*)

Por piedade, meu Conde ! . . .

D. SISNANDO.

(*Obriga-a violentamente a ajoelhar-se.*)

De joelhos !

De joelhos , que quero assassinar-te !

A VIRGEM DE CORDOVA. (*De joelhos.*)

Por piedade ! . . . .

D. SISNANDO.

Não digas esse nome ,
Roga a Deos por tua alma infame, e adultera;
— Pede-lhe , — e a oração seja mui breve.
— Raça bastarda ! filha dos Omeiades !
Com meu pé vencedor hei de calcar-te:

(*Obriga-a a cair de bruços.*)

Em terra ! em terra ! e beija o chão da morte
C'o labio prostituto.

A VIRGEM DE CORDOVA.

(*Ergue-se , com firmeza , e dignidade.*)

Ah ! Esse nome
Forças perdidas resuscita n'alma ;

O véo das illusões, que me cercava,
Rasga-o, rasga-o tal nome. Sim, tyranno!
Apagou esse grito o meu affecto;
E nasceo odio eterno. Sabe, ingrato,
Que só por te poupar poupei a vida;
Não quiz morrer, a ver se inda podia
Salvar tua alma. Agora teus insultos
Erguêrão entre nós barreira immensa.
— Não, não verás a filha dos Omeiades
Morrer curvada aos pés de Dom Sisnando.
Sofri-te as iras más, sofri ciumes,
Sanhas sofri de morte: — mas tal nome,
Um casto coração não sóe ouvil-o
Senão c'o pé na campa.

(Vai á mesa, e pega no frasco.)

— Adeos tyranno;
Rale-te n'esse abysmo de remorsos
A extrema voz da Virgem Cordoveza:
« Mataste uma innocente. »

(Ajoelha, e chega o frasco aos labios.)

D. SISNANDO.

Espera, . . . espera . . .

A VIRGEM DE CORDOVA.

Nem céos, nem terra o braço me segurão.
Escuta inda uma vez tua sentença:
« Mataste uma innocente. » *(Bebe.)*

D. SISNANDO.

(Corre a ella, e tira-lhe o frasco já meio vasio.)

Espera, espera . . .

(Corre furioso pelo Theatro com o frasco na mão.)

Que horrendo estremeção trauzio minha alma! . .
Que sinto aqui! . . .

(Aperta o seio com as mãos.)

O' frágoas do ciume!
Venenosas peçonhas d'este frasco
Podem menos que vós . . . Ai! miserando! . . .
— Mulheres! limo vil da natureza!
Verdugos d'alma! algozes do descanço!
Vós sões como a serpente astuciosa,
Que depois de afagar deixaes veneno;
Mostraes no labio a fonte das delicias,
E apagaes-nos a sêde com peçonha;
Aponta a dextra elyseo de prazeres,
E abrís co'a sestra inferno de tormentos;
Insaciaveis de conquista, e lucto,
Esmagaes corações, trincaes lhanezas,
Prazeres desbotaes, tranzís virtudes,
Fazeis luzir o ferro nos banquetes,
Nos altares de amor ergueis sepulcros,
E festejaes as pompas da victoría
Com holocaustos de veneno, e sangue.
— Saciai-vos, ó viboras da terra!
Ha tanto amor, e sangue n'este peito,
Que bastára a inundar a natureza.
Eil-o aqui tendes; saciai-vos, furias!
E o nefando holocausto acenda o inferno. (*Bebe.*)

D. Ruy Dias. (*De fóra.*)

(*Agitando violentamente a porta do carcere.*)
Trazei achas, senhores, trazei clavas,
Arrombe-se a masmorra.

(*Sentem-se violentas pancadas na porta.*)

D. Sisnando.

(*Depois de esgotar o frasco.*

Temerario!
Que pertendes? Da parte dos infernos

Veus acaso buscar minha alma negra?!
(Com a força das pancadas salta ao meio da scena uma das argolas de ferro, que segurava o ferrolho; e abrem-se as portas de par em par.)

SCENA VII.

Os MESMOS, D. RUY DIAS, D. EGAS, CAVALLEIROS, ESCUDEIROS, PAGENS.

(Trazem massas, e clavas nas mãos; — ficão no fundo do Theatro — D. Egas á sua frente.)

D. RUY DIAS.

(Precepita-se na scena.)

Innocencia! innocencia! . . .

D. SISNANDO.

Que proferes!?
Vens perturbar as galas da vingança,
As pompas do ciume!? . . .

D. RUY DIAS.

Dom Sisnando!
Se é tempo ainda, poupe-se um delicto . . .

D. SISNANDO.

Ausenta-te . . .

D. RUY DIAS.

(De joelhos; e ergue-se logo.)

Senhor, has de escutar-me,
Has de ouvir-me a teus pés:
(Segura-o pelo braço.)
— A escrava infame
Da Princeza infeliz na ancia da morte,

Entre tenazes de vermelhos ferros,
A' força de tormentos disse tudo:
E consta de seu dicto derradeiro
Ser innocente a Virgem . . .

(Dom Sisnando, e a Virgem de Cordova vem para junto de D. Ruy Dias, e cada um de seu lado escutão com muita anciedade.)

D. SISNANDO.

Que disseste! . . .

A VIRGEM DE CORDOVA.

Que disseste! Senhor! . . .

D. RUY DIAS.

Mal da masmorra
Nos expulsaste, juntos em conselho
Para salvar-te a vida, um meio extremo,
E unico encontramos . . . .

A VIRGEM DE CORDOVA.

Qual foi elle? . . .

D. RUY DIAS.

Se ella for innocente . . . .

D. SISNANDO.

Acaba . . .

D. RUY DIAS.

Um Conde
Tão valente, e gentil não perderemos . . . .

A VIRGEM DE CORDOVA.

Prosegue . . .

D. RUY DIAS.

Os prisioneiros do Castello
Interrogamos todos . . . .

D. SISNANDO.

Dize . . . .

A VIRGEM DE CORDOVA.

Acaba . . .

D. RUY DIAS.

Tudo baldado. O Embaixador soberbo,
E a escrava da Princeza . . .

D. SISNANDO.

Que disserão? . . .

D. RUY DIAS.

Mudos forão, Senhor: — resiste um Moiro
A rogos de Christãos; — mas os tormentos,
Mas o azeite em cachões, e o ferro em brasa
Valem sessenta rogos. — Por mais debil
Cedeo a escrava, e na ancia da agonia
Disse . . .

D. SISNANDO, E A VIRGEM.

O que disse? . . .

D. RUY DIAS.

— « É innocente a Virgem,
« Traído foi o Conde Dom Sisnando . . . . »
— E no arranco final lhe escapa um nome
Do labio vil . . .

D. SISNANDO.

Qual foi?

D. RUY DIAS.

Osman . . .

D. SISNANDO.

Que é d'elle?

D. RUY DIAS.

Eil-o.

SCENA VIII.

Os MESMOS, E D. NUNO, OSMAN, O BISPO, RICOS-HOMENS, ESCUDEIROS, PAGENS.

(Osman vem carregado de cadeias. — D. Nuno traze-o quasi de rastos. — Precedem-os os Pagens com fachos acesos nas mãos. — Os Escudeiros vem junto de Osman, com os punhaes desembainhados. — Detraz de tudo entra o Bispo. — Todos se descubrem na presença do Conde; e os Escudeiros embainhão os punhaes.)

D. NUNO.

Traidor! vem confessar teu crime
Aos pés de Dom Sisnando.

D. SISNANDO.

(Depois de olhar para todos com desconfiança.
Suspendei-vos.
Nem um gesto sequer. — Essas algemas
Dos pulsos lhe tirai. *(Tirão-lhe os ferros.)*
— Larga-o, Dom Nuno.
— Osman, chega-te a mim; — como homem quero,
E não como tyranno interrogar-te:
Ha contra mim traição, e contra a Virgem;
— Que sabes tu d'essa traição?

OSMAN.

Sei tudo.

D. SISNANDO.

É innocente, ou é culpada a Virgem?...
— Tenho feudos, palacios, e castellos
Nos reinos de Leão, e na Galliza:
— Em prémio da verdade, se a disseres,
Escolhe quanto queiras.

OSMAN.

Nada quero.

D. Sisnando.

De regeitar te deixo a liberdade,
Ou de acceitar meus dons; sómente exijo
Que o segredo, se existe, m'o reveles:
É innocente, ou é culpada a Virgem?

Osman.

O segredo de Osman existe n'alma
Em cofre precioso, cuja chave
Tem Deos, sómente Deos mais o Profecta:
E o oiro dos Christãos, e os teus palacios
Não comprão a alma nobre, e valorosa
D'um illustre Agareno.

D. Sisnando.

A' mingua d'oiro
Tenho um ferro comprido, e afiado,
Que irá do seio íntimo arrancar-te
Segredo, e coração.

Osman.

E eu tenho um labio,
Que intrépido no arranco da agonia
D'est'arte bradará: és um tyranno.

D. Sisnando. *(Quasi sufocado.)*

Dom Egas! . . . Ricos homens! . . Escudeiros! . .
Vingança! . . . Dom Sisnando está já morto;
A mão desfalecida já não póde
Uma espada empunhar; — os vossos ferros
Ao seio lhe apontai; e que responda:
É innocente, ou é culpada a Virgem?

(Os Escudeiros tirão os seus punhaes, e rodeião Osman.)

Osman.

Suspendei-vos, Senhores, suspendei-vos;
Já misteres não são vossas ameaças.
« Dom Sisnando está morto. » Estas palavras

Valem mais para Osman que oitenta ferros
No coração suspensos.

(*Vai buscar a véla, que está sobre a mesa, e examina o rosto do Conde.*)

Quero ver-te;
E depois fallarei .... Basta.

(*Depõe a véla sobre a mesa.*)

— Senhores!
Escutai-me, que vai abrir-se o inferno,
E por mim trovejar no arranco extremo ....

D. SISNANDO.

É innocente, ou é culpada a Virgem?

OSMAN.

Queres dormir em túmulo de sangue
C'um remorso de mais? Minhas vinganças
Com tal desejo exultão de ufania.
— Tyranno vencedor dos Agarenos!
Em Cena reinas, em Viseu dominas,
Roubas a Lusitania aos do Profecta;
Já Moiro (*), já Christão, contra os Omeiades
Cevaste iras de algoz: rala-te agora,
Porque um élo poupaste da cadeia;
E esse élo te matou ...

D. SISNANDO.

(*Trava-o violentamente pelo braço.*)

Responde, infame!
É innocente, ou é culpada a Virgem?

(*) Algumas Chronicas dizem que D. Sisnando renegára da fé, e servira os Moiros nas suas guerras. Outras affirmão, que D. Sisnando jámais renegára, e sómente como prisioneiro servira algum tempo elrei Aben-Habeth. — A esta epocha se referem as palavras do Acto I. Sc. III.

De sangue e pó coberto entrei os muros
De Cordova infeliz,

OSMAN.

Inda não disse tudo. — Coimbra reges;
Mas Sevilha inda existe, existe Cordova,
Lisboa, e Badajoz, Toledo, e Niébla,
E mais trinta cidades Agarenas.
A raça dos Omeiades venceste;
Mas lá nos vem a stirpe Almoravide
Do Algarve d'além mar, e de Marrocos.
Fraco punhado de imbecis guerreiros
Sem ti vai succumbir; — e tu já morto
Has de ouvir as trombetas do Profecta
E o Musulmano *Allah!* bradar de rijo
Por Benalfagi á roda do teu túmulo.

D. SISNANDO.

(Trava-o pelo braço, agita-o violentamente, e brande um punhal com a outra mão.)

É innocente, ou é culpada a Virgem? . . .

OSMAN.

Hão de surgir em torno ao teu cadaver
Os da stirpe de Agar, que assassinas-te;
O coração nefando hão de trincar-te,
E ante os olhos mostrar-te em quadro horrendo
Esse punhal, que tens, e que por força
A' Virgem entreguei, este retracto,

(Tira um retracto.)

Que teu é, que aqui tenho, e que roubado
Foi do seio da Virgem pela Escrava.
— Rala-te agora, e escuta do meu labio
O derradeiro brado de vingança:
« Mataste uma innocente. »

(D. Sisnando cáe desfallecido depois de examinar o retracto.)

D. Nuno.

Dom Sisnando!

Porque desmaias! (*Corre a elle.*)

D. Egas. (*Pega no frasco.*)

Ceos! que veêm meus olhos!

O frasco é já vasio. Miserando! . . .

D. Nuno.

(*Com uma das mãos sobre o peito do Conde, e acenando com a outra aos circunstantes.*)

Envenenado! ó céos! envenenado!

Soccorro!!

(*Rodeião todos o Conde.*)

D. Ruy Dias.

A minha espada, e tres castellos

A quem aqui trouxer contraveneno!

D. Nuno.

(*Arrasta Osman para fóra do carcere.*)

Infame! vem pagar os teus delictos

No alto d'um patib'lo.

D. Sisnando.

(*Ergue-se furioso, e quasi sufocado.*)

Osman! . . . Que é d'elle? . .

D. Egas.

No salão da masmorra . . . .

D. Sisnando.

Basta, basta . . .

(*Sáe arrebatadamente com o punhal erguido. Todos o seguem, menos o Bispo. A Virgem dá alguns passos para o acompanhar, mas desorientada, e sufocada com as ancias do veneno, vacilla, e encosta-se ao braço do Bispo, que a conduz á scena.*)

O Bispo.

Encostai-vos, Senhora, nos meus braços,

Humilhai vosso peito á providencia,
E resignai vossa alma.

A VIRGEM DE CORDOVA.

— Ah! . . . Senhor Bispo! . .
Não abras mais as chagas do meu seio
Co'essa negra lembrança . . .

(Dá um estremeção, e aperta o peito com as mãos.)

Oh! que tormento! . . .
Que horroroso veneno! . . .

(Nos braços do Bispo, quasi moribunda)

Eu morro . . . eu morro . . .
Que é d'elle? . . aonde está?! . . Meu Dom Sisnando! . .
Eu quero vêl-o ainda . . .

(Um pouco reanimada.)

Ai! que a existencia
Nunca ninguem deixou com tal saudade! . . .
Diz-lhe, Senhor, que a Virgem Cordoveza . . .
Lhe perdôou . . . na hora . . . derradeira . . .
Que o levo . . . n'alma . . .

(Dá um grande estremeção; solta-se dos braços do Bispo; vacilla pela scena, já suffocada.)

Ai! quebrão-se as entranhas! . .
Que afflicção! . . que tormento . . eu morro . . Esposo!.

(Cáe diante d'uma das tumbas.)

O BISPO.

Ai! malfadado Conde de Coimbra!
Poupemos-lhe este golpe.

(Cobre o caduver da Virgem com o panno da Tumba; e vem ajoelhar diante do Crucifixo.)

O' Deos piedoso!
Tres vezes santo Deos! ouvi meus rogos,
E salvai aquella alma . . .

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS, D. SISNANDO, D. RUY DIAS, D. NUNO, D. EGAS, RICOS-HOMENS, ETC.

(*O Conde vem desfigurado, pallido, convulso, arquejando, os labios brancos, as mãos ensopadas em sangue.*)

D. SISNANDO.

Que é da Virgem ?!.
Adosinda!.. Adosinda!... Onde fugiste?!...

O BISPO.

Que fizeste, Senhor!..

D. SISNANDO.

Ismar.... o escravo...
Pagens d'armas, soldados, prisioneiros;
Tudo provou transportes do meu braço;...
Alaguei todo o carcere de sangue...
Para os manes vingar da esposa qu'rida...
Patria, .. irmãos, .. e pai assassinára...
Mas que é d'ella?...

(*Trava-o pelo braço.*)

Responde!...

(*Larga-o; e vem á bocca do Theatro.*)

Ceo tyranno!
Se m'a roubaste, intrepido lá mesmo
Irei, transpondo os astros, abraçal-a.

O BISPO.

Attende-me, Senhor... No extremo arranco

Pedio-me te dissesse que sua alma
Perdoava teu crime . . .

D. Sisnando.

Quero vêl-a . . .
Onde está ? . . Onde está ? ? . . .
(*O Bispo ergue o panno da Tumba, e deixa ver o cadaver da Virgem. O Conde corre a ella, e toma o cadaver nos braços. — Progressivamente anciado.*)

— O' minha esposa! . . .
Minha cara Adosinda! . . Une-me ao seio . . .
Dize-me que perdôas . . . O' formosos, . . .
Fagueiros labios! . . . Faces desbotadas, . . .
Tão vermelhas outr'ora! . . . lindas faces! . . .
Tomai, . . tomai o bejo de esposado . . .
(*Beija-lhe a face.*)
Ai! que é tambem o bejo do sepulcro! . . .
(*Põe-lhe a mão sobre o seio.*)
Seio . . . seio de amor . . . Ai! que é já frio! . . .
Adosinda! . . . Adosinda! . . . abre esses olhos . . .
Vê-me uma vez, e fecha-os para sempre . . .
(*Passa rapidamente o cadaver de um para outro braço.*)
Vive . . vive! . . — Ai! de mim! . . é morta . . . .
(*Arroja o cadaver ao chão.*)

É morta! . .
E eu vivo ainda! . . . Alferes! . . . crava . . . crava . . .
Meu quente coração . . . com esse ferro . . .
(*Suffocado; e nos braços de D. Egas, e D. Ruy.*)
Abbrevia-me . . . a morte . . .
(*Dá um grande estremeção, e solta-se dos braços d'elles.*)

Ai! que ella chega! . . .
(*Aperta o seio com as mãos.*)
Remorsos . . . raiva . . . amor . . . venenos . . . furias . . .!

Tudo . . . o dente afferrou . . . dentro do peito . . .
No instante derradeiro . . .
(Desfallecido.)
Eil-o, que passa ! . .
Ado . . sinda ! . . . A . . do . . sin . . d . . . .
(Expira.)

FIM.

Sancta Cruz do Bussaco, 9 de Agosto de 1837.

ERRATAS.

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas.*
V	15	o Poeta que	o Poeta, que
VIII	4	colori do	colorido
XX	1	luces	luzes
	Vers.		
6	8	cegava	segava
16	19	porque	porque o
21	12	D.	Dom
32	8	Eis	Diz
37	11	Sachristão	Sacristão
41	11	Lhe	Lhes
46		D. Sisnando	D. Sisnando.
			D. Ruy Dias.
50	10	abobeda	abobada
72	25	doélo	duéllo
119	15	assassinas-te	assassinaste